



Relatos

de experiências exitosas

2019



RELATOS DE EXPERIÊNCIAS INTEGRADORAS EXITOSAS

2019

EDITORA



REITORIA - Setor de Autarquias Sul,
Qd 02, Bloco E - Edifício Siderbrás
C.E.P.: 70070-020 – Asa Sul –Brasília-DF
Fone: +55 (61) 2103-2110
www.ifb.edu.br
editora@ifb.edu.br

R382 Relatos de Experiências Integradoras Exitosas [recurso eletrônico]. / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, Pró-Reitoria de Ensino. Ano 4, n. 4 (jan./dez. 2019) – Brasília, DF: Editora IFB, 2022- .

v. : il.

Anual

ISSN 2527-2330

1. Educação profissional. 2. Integração - Comunidade e escola. 3. Integração - Estudantes - Servidores públicos. 4. Periódicos. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. Pró-Reitoria de Ensino. II. Título.

CDU 377(05)

2022 Editora IFB



A exatidão das informações, as opiniões e os conceitos emitidos são de exclusiva responsabilidade dos autores. Todos os direitos desta edição são reservados à Editora IFB. É permitida a publicação parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte. É proibida a venda desta publicação.

Instituto Federal de Brasília - IFB

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS INTEGRADORAS EXITOSAS

2019





FICHA TÉCNICA

REITORA

Luciana Miyoko Massukado

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Veruska Ribeiro Machado

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA

Paulo Henrique Sales Wanderley

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E INOVAÇÃO

Giovanna Megumi Ishida Tedesco

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO

Rodrigo Maia Dias Ledo

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS

José Anderson de Freitas Silva

PESQUISADOR INSTITUCIONAL

Marcelo Rodrigues dos Santos

DIRETORA DE DESENVOLVIMENTO DE ENSINO

Rosa Amélia Pereira da Silva

COORDENADOR-GERAL DE ENSINO

Mateus Gianni Fonseca

COORDENADORA-GERAL DE ARTICULAÇÃO PEDAGÓGICA

Virginia Lobo Silva

DIRETORA DE POLÍTICAS ESTUDANTIS

Ana Luisa Knop

COORDENADORA DE PERMANÊNCIA E AÇÕES PEDAGÓGICAS

Gislaine Maia Nunes

COORDENADOR DE ACESSO E INGRESSO ESTUDANTIL

Julimar Mesquita

DIRETORA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Jennifer de Carvalho Medeiros

COORDENADORA DE PUBLICAÇÕES

Rejane Maria de Araújo

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO

Sandra Maria Branchine

DIAGRAMADOR E PROJETO GRÁFICO

Guilherme Carvalho Rodrigues
(Colaborador externo)

ORGANIZADORAS

Pró-reitoria de Ensino
Diretoria de Desenvolvimento de Ensino
Coordenação de Articulação Pedagógica

SUMÁRIO

- 12** Cartografias africanas: do Atlântico Negro às novas identidades contemporâneas
- 18** Minha vida na sua vida: Sensibilização comunitária sobre cadastro no banco de doadores de medula óssea
- 25** Oficinas Synesthesia Vision
- 30** Projeto “Vista Minha Cor”
- 37** Projeto tecendo sonhos
- 43** Cesta de Projetos: Colocando diversos conteúdos na mesma sexta
- 52** Trilha IFB 10 Anos
- 60** Projeto RailBee: 10 anos de ensino, pesquisa e extensão
- 67** Saúde e Segurança com Catadores do Lixão do Orobó em Valença/BA
- 73** Vivências na interiorização na promoção de políticas de saúde LGBT+: um projeto de extensão



Apresentação

Desde 2016, quando lançou a primeira versão do “Relato de Experiências Integradoras Exitosas”, a Pró-Reitoria de Ensino do IFB tem buscado divulgar experiências transformadoras de integração curricular construídas pelos servidores do Instituto Federal de Educação.

Esta nova edição da revista contempla trocas de experiências integradoras exitosas realizadas pelos profissionais da educação da Rede de Educação Profissional e Tecnológica. Assim, foram selecionadas 10 (dez) experiências integradoras exitosas que expressam o reconhecimento de valiosas iniciativas de servidores que buscaram contribuir, por meio da produção de conhecimentos significativos, com a transformação da realidade existente.

As experiências relatadas revelam o vigor e o compromisso do Instituto Federal de Educação com a construção e a difusão de saberes relevantes para a construção de uma sociedade mais democrática, pautada no respeito à pluralidade de ideias e de pensamento, na valorização da dignidade humana e na busca da promoção da justiça social.

A presente edição do relato de experiência exitosas considerou a chamada pública feita em 2/2019 e está dividida em cinco linhas temáticas: Integração da comunidade mediante a inclusão de minorias em espaços educativos (pessoas com deficiência, questões de gênero, vulnerabilidade social, raça e diversidade sexual); Integração entre componentes curriculares na perspectiva de uma educação profissional articulada

com o mundo do trabalho; Integração entre saberes da educação profissional com saberes da educação básica; Integração entre ensino, pesquisa e extensão e Integração de sucesso entre a Escola e outros setores da sociedade (empresas, instituições, ongs, associações) numa proposta de extensão tecnológica ou pesquisa aplicada.

As temáticas presentes nesta edição revelam o compromisso dos Institutos Federais de Educação com a promoção de temas de relevância social, cultural, pedagógica e profissional. Neste sentido, o desenvolvimento dessas temáticas foi resultado da relação entre ensino, pesquisa e extensão como dimensões estratégicas presentes nos projetos pedagógicos dos Institutos Federais de Educação, o que revela a originalidade, a ousadia e o compromisso dessas instituições com a promoção de conhecimentos que contribuam com o desenvolvimento humano, com a socialização de saberes e com a apropriação e a difusão da cultura como patrimônio histórico da humanidade.

O lançamento desta edição expressa o compromisso da Pró-Reitoria de Ensino em reconhecer e valorizar iniciativas que contribuam para a transformação da realidade, por meio do incentivo à pesquisa-ação-reflexão.

Adilson César de Araújo

Técnico em Assuntos Educacionais da Pró-Reitoria de Ensino

IDENTIFICAÇÃO

Título da atividade/projeto: Cartografias africanas: do Atlântico Negro às novas identidades contemporâneas

Linha temática: Integração entre saberes da educação profissional com saberes da educação básica.

Instituição(ões) envolvida(s): Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Passos.

Proponente ou proponentes: Wendell Lopes de Azevedo Braulio

Servidor ou servidores: Rildo Borges Duarte, Matheus Berto da Silva, Patrícia Aparecida Monteiro, Marcílio Silva Andrade, Tiago Nunes Severino, Diego José Prezia.

Discentes: Giovanna de Fátima Silva, Aline Cristine Alexandre Silva, Marcos Vinicius da Silva Brito, Raissa Rosa Rodrigues Viana, Maria Eduarda da Silva Brito.

Cartografias africanas: do Atlântico Negro às novas identidades contemporâneas

Introdução

O debate sobre a integração das áreas que compõem os Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio nos Institutos Federais tem lastro histórico desde a criação da rede em 2008. De certa maneira, o IFSULDEMINAS (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais) institucionalizou esse debate ao propor como missão “promover a excelência na oferta da educação profissional e tecnológica em todos os níveis, formando cidadãos criativos, competentes e humanistas, articulando ensino, pesquisa e extensão e contribuindo para o desenvolvimento sustentável do Sul de Minas Gerais”.

Nesse sentido, os cursos técnicos do IFSULDEMINAS, Campus Passos, vêm desenvolvendo, desde 2013, projetos de ensino intitulados “Trabalhos Integrados”, que visam garantir a efetivação da integração idealizada pela missão da instituição. Nessas atividades, os alunos dos cursos de Informática, Produção de Moda e Comunicação Visual se unem para desenvolver – sob a tríade do ensino-pesquisa-extensão – temas que possibilitem a integração efetiva dos saberes praticados nas disciplinas das áreas técnicas e da educação básica.

O projeto intitulado “Cartografias africanas: do Atlântico Negro às novas identidades contemporâneas” constituiu um trabalho interdisciplinar/intercurso voltado para o fomento da cultura africana, afrodescendente e da população negra, com atividades que possibilitaram a sensibilização dos discentes, dos servidores do IFSULDEMINAS e também da comunidade externa para as problemáticas que envolvem a promulgação da Lei 10.639/2003, que tem como principal objetivo a implementação de diretrizes educacionais voltadas para as relações étnico-raciais e para o ensino de história e da cultura afro-brasileira e africana em toda a rede de ensino, em todos os níveis.

O objetivo principal deste trabalho foi produzir materiais escritos e audiovisuais sobre as nações africanas a fim de alimentar fanpages nas redes sociais e um site, servindo como repositório para materiais didáticos sobre o continente. Além disso, foi organizado um evento que incluiu a apresentação da diversidade cultural da África e a montagem de um mapa na escala de 1:750.000, que recobriu mais da metade da quadra poliesportiva da instituição.

O esforço coletivo para a produção desses materiais e do evento, aberto a toda comunidade passense, exigiu a plena articulação dos saberes adquiridos nas diferentes disciplinas que compõem a grade curricular dos cursos, tanto disciplinas técnicas quanto as do ensino básico. Além disso, a efetivação da tríade ensino-pesquisa-extensão esteve presente na pesquisa no momento da elaboração dos materiais do site e dos produtos apresentados no evento, na articulação dos saberes interdisciplinares, na disponibilidade dos materiais didáticos e na organização do evento. Essa experiência se fez exitosa nesse contexto de articulação de saberes, de trabalho com temas sobre diversidade étnico-racial e de superação dos “muros da escola”, promovendo a integração com a comunidade.

Desenvolvimento

O projeto “Cartografias africanas” começou a ser formatado em reunião de planejamento no início do ano letivo, com a delimitação dos temas e dos coordenadores dos trabalhos integrados a serem desenvolvidos pelas turmas de primeiro, segundo e terceiro anos do Campus. Os alunos do terceiro ano seriam responsáveis por um projeto que abordasse o tema das “questões étnico-raciais”, e a coordenação desse trabalho ficaria a cargo do professor Wendell Bráulio, coordenador do curso técnico em produção de moda, além de seis professores das áreas técnicas e de diferentes disciplinas do ensino básico, responsáveis pela orientação dos grupos.

Assim, com a definição do coordenador e dos professores que auxiliariam a consecução do projeto, uma primeira reunião definiu os objetivos a serem alcançados e a metodologia a ser aplicada. Nesse ponto, ficou decidido que os alunos deveriam organizar um evento e um site sobre o continente africano, com o objetivo de apresentar a África para além das denotações negativas que frequentemente são disseminadas pelas mídias e pelo senso comum. Essa tentativa de representação do continente em sua diversidade societária, cultural, econômica, política e ambiental teve por objetivo quebrar estereótipos e possibilitar a criação ou a ampliação de laços de pertencimento e de representatividade, principalmente entre aqueles que integram a comunidade negra do IFSULDEMINAS, campus Passos.

Definidos esses eixos norteadores do trabalho, passou-se à elaboração do projeto em documento, que depois seria apresentado aos alunos. Nesse momento, contando com o auxílio dos professores colaboradores, foram definidas a metodologia e as etapas para a elaboração do trabalho. Os alunos das três turmas foram divididos em cinco grupos, cada um responsável por uma macrorregião africana (África

Setentrional, Meridional, Ocidental, Oriental e Central). Nesses grupos, um líder seria escolhido, com a regra de que essa liderança deveria ser de um discente que se identificasse como pertencente à etnia negra. Todos os grupos teriam componentes dos três cursos técnicos (Informática, Produção de Moda e Comunicação Visual) e seriam orientados por um ou mais professores que faziam parte do projeto, com a orientação geral ficando a cargo do coordenador. Todo processo de definição dos grupos e das licenças contou com a participação direta dos alunos, que se organizaram para definir essa divisão.

Para isso, foi ressaltado que todo projeto tinha um caráter colaborativo, pois tanto o site quanto o evento só seriam possíveis com a constante colaboração de todos os grupos para cumprir as etapas do trabalho. Assim, após a organização dos grupos, os alunos foram orientados sobre os objetivos e os produtos que deveriam ser entregues ao final do projeto, além da descrição das datas limites para a conclusão de cada uma das etapas, que foram divididas em: 1 – pesquisa de fontes para elaboração de texto e formação de banco de imagens sobre os países africanos; 2 – pesquisa sobre formas de elaborar o site; 3 – apresentação dos textos e imagens que comporiam o site; 4 – criação de fan page nas redes sociais e de material gráfico para divulgação e promoção do site e do evento; 5 – elaboração e finalização do site; 6 – elaboração de mapa na escala 1:750.000 (14 metros de altura por 14 metros de largura), utilizando materiais descartáveis, principalmente papelão; 7 – elaboração dos produtos que seriam apresentados no evento, como “looks” de moda e comidas feitas a partir das pesquisas sobre os aspectos culturais de cada região africana; 8 – apresentação do site, do mapa e dos produtos no evento.

Como se pode observar, essas etapas só poderiam ser cumpridas se os alunos mobilizassem conhecimentos técnicos e do ensino básico dos três cursos, o que foi plenamente alcançado em conjunto com a orientação dos professores. Para a pesquisa e a produção dos textos e das imagens, foram mobilizados conhecimentos das disciplinas de História, Geografia, Línguas Portuguesa e Inglesa, Filosofia e Sociologia. O mapa só foi organizado com técnicas advindas da Geografia e da Matemática; o site exigiu a mobilização dos conteúdos aprendidos na área técnica de informática; e os materiais gráficos, as fanpages, os looks e as comidas foram articulados com os recursos e as técnicas das áreas de comunicação visual e produção de moda. Essa integração possibilitou aos alunos vivenciar a realidade das produções desenvolvidas por profissionais das três áreas técnicas, inclusive oportunizando um ambiente de trabalho em equipe, que é encontrado nas empresas de tecnologia e de marketing. Além disso, para além da formação técnica, esse trabalho coletivo propiciou a reflexão sobre as questões étnico-raciais e as responsabilidades sociais dos profissionais técnicos, ressaltando a indissociabilidade da formação técnica e cidadã.

Como mostram as imagens em anexo, o comprometimento e a articulação dos alunos, em conjunto com a orientação dos professores, desembocaram na excelência do evento, com intensa participação da comunidade do Campus e a visita de pais, familiares e de instituições da região, além do repositório didático representado pelo site, que tornou disponível uma série de informações sobre o continente africano. Ao final, a produção do site e do evento alcançaram seus objetivos de proporcionar uma reflexão sobre o continente

africano e suas várias conexões com a formação da sociedade brasileira, ressaltando os sentimentos de pertencimento dos membros da comunidade que se identificaram como representantes da etnia negra, além de promover a efetivação de uma educação plural e de respeito às diversidades.

Avaliação

O processo avaliativo foi realizado durante todas as etapas de consecução do trabalho, contando com a participação dos professores e dos alunos envolvidos. Assim, atendendo a um apelo dos próprios alunos sobre as formas de avaliação dos trabalhos integrados do Campus, o processo avaliativo foi mediado pelo professor orientador e pelos alunos que respondiam pela liderança de cada um dos grupos. Nesse sentido, a nota final pelo trabalho seria formada pela avaliação realizada pelos professores das áreas técnicas de informática, comunicação visual e produção de moda, pela avaliação do professor orientador, pela avaliação do grupo efetuada pelo aluno líder e pelas auto avaliações de cada um dos componentes dos grupos.

Os critérios abordavam questões objetivas, como cumprimento de prazos, presença em reuniões, participação no evento, qualidade técnica dos produtos desenvolvidos, além de questões subjetivas, como comprometimento, capacidade de trabalho em grupo e resolução de conflitos. Ao final, utilizando uma escala de 0 a 10, cada uma das avaliações efetuadas serviu para totalizar a nota final do grupo, que, conjuntamente (com a avaliação do grupo pelo líder e as autoavaliações realizadas por cada um dos alunos), comporiam uma nota individual. Assim, também tivemos a possibilidade de avaliar onde os alunos se colocaram como protagonistas, apontando os pontos positivos e negativos do trabalho do grupo e podendo avaliar seu próprio desempenho no processo, além de analisar criticamente todos os processos de execução do projeto.

Resultados alcançados

Ao final, o projeto “Cartografias africanas” alcançou plenamente os seus objetivos iniciais, proporcionando, no desenvolvimento de um projeto coletivo, a vivência profissional com a articulação de saberes técnicos e do ensino básico. Além disso, a consecução desse trabalho permitiu uma extensa reflexão sobre as questões étnico-raciais ao (re)pensar as formas como o continente africano é retratado. A pesquisa sobre a diversidade societária e cultural do continente permitiu que os alunos refletissem em vários momentos sobre as formas como o senso comum retrata o continente de forma homogênea. Os alunos passaram a perceber o quanto é importante (re)conhecer todas as idiossincrasias da África.

Isso ficou ainda mais perceptível após os lamentáveis eventos climáticos que atingiram Moçambique, momento em que os alunos passaram a observar melhor a forma como certas tragédias (como a desse país africano) recebem atenção diferenciada, muitas vezes sumindo do noticiário de maneira muito mais rápida que notícias de outras áreas do mundo ocidental. No caso dos alunos identificados como pertencentes à etnia negra, a relação de pertencimento foi ampliada, trazendo mais interesse pela investigação e pelo

questionamento das origens africanas. Despertou, ainda, um sentimento de valorização pela contribuição dos povos que sofreram uma diáspora forçada ao longo de séculos e que tiveram papel primordial na construção da sociedade brasileira.

Não por acaso, sugeriu-se que esses alunos fossem líderes em seus grupos, o que se mostrou altamente salutar para o reforço desse tipo de reflexão. Entre outras experiências proporcionadas, cabe aqui destacar o intercâmbio realizado pelo grupo responsável por apresentar a África Meridional. Por meio de uma entrevista online, um dos grupos teve contato com um estudante angolano. A entrevista foi reproduzida pelo grupo durante o evento. Todos os presentes se emocionaram ao ouvir a fala de um africano que se sentiu extremamente feliz por ver seu continente sendo “estudado por alunos brasileiros”; afirmou também que gostaria de estudar o continente sul-americano.

Essa fala serve como referência para a própria forma como o evento foi recebido pela comunidade. Muitas das falas manifestaram “surpresa” com a complexidade do continente africano, com a “qualidade dos produtos que foram apresentados”, e com “a diversidade da culinária, da moda, da cultura, da natureza e da sociedade” que os alunos conseguiram sintetizar nas produções. Isso ajudou a ressaltar o acerto do projeto ao integrar as áreas técnicas e do ensino básico. De certa maneira, podemos considerar esse trabalho integrado como uma referência para alcançar uma educação politécnica na forma de uma prática inovadora que efetivamente insere o aluno no mundo do trabalho, tendo como base uma formação cidadã.

IDENTIFICAÇÃO

Título da atividade/projeto: Minha vida na sua vida: Sensibilização comunitária sobre cadastro no banco de doadores de medula óssea

Linha temática: Integração de sucesso entre a Escola e outros setores da sociedade (empresas, instituições, ongs, associações) numa proposta de extensão tecnológica ou pesquisa aplicada.

Instituição(ões) envolvida(s): Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco -Campus - Pesqueira.

Proponente ou proponentes: Ana Carla Silva Alexandre

Servidor ou servidores: Silvana Cavalcanti do Santos, Valquíria Farias Bezerra Barbosa, Nelson Miguel Galindo Neto, Valdeilson Lima de Oliveira, Ana Karine Laranjeira Sá, Edjane Marcela S. dos Santos.

Discente: Jhenyff de Barros Remigio Limeira, Girleide Isídio da Silva, Vania Ribeiro de Holanda Silva, Cíntia Taísa Ferreira Santos, Aline Barros de Oliveira.

Minha vida na sua vida: Sensibilização comunitária sobre cadastro no banco de doadores de medula óssea

Introdução

A leucemia é uma enfermidade que se origina na medula óssea, lugar onde ocorre a produção das células sanguíneas. Esse câncer está presente no primeiro ano de vida em 17% dos seus casos e tem seu pico de incidência na faixa etária de 2 a 3 anos, apresenta-se em 80 casos por milhão de pessoas e é o maior desencadeador de óbitos infantis no Brasil. O transplante de medula óssea é, a princípio, a última medida terapêutica, mas, atualmente, ele é visto como uma terapia bem-sucedida para doenças fatais como a leucemia (DIAS; SILVA; DE OLIVEIRA, 2016).

O Transplante de Medula Óssea (TMO) consiste na substituição de um tecido doente ou deficitário por células saudáveis entre indivíduos compatíveis, aparentados ou não, com o objetivo de promover a reconstituição celular. Trata-se de uma alternativa terapêutica para o tratamento de enfermidades hematológicas potencialmente fatais. Quando a opção por transplante é definida, inicia-se a busca por doadores compatíveis. Assim, é extremamente importante que os doadores estejam cadastrados no Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea (REDOME) (DE FRANÇA et al., 2017).

O REDOME reúne todos os dados dos voluntários, como nome, endereço, resultados dos exames e características genéticas. Quando se identifica um doador compatível, a equipe entra em contato com o possível doador para confirmar sua vontade de fazer a doação, bem como sua disponibilidade. Os critérios necessários para se tornar um doador são ter entre 18 e 55 anos de idade; estar em bom estado geral de saúde; não ter doença infecciosa ou incapacitante; e não apresentar doença neoplásica, hematológica ou do sistema imunológico (BRASIL, 2014a).

Para obter sucesso no tratamento, a compatibilidade genética entre o doador e o receptor é de

fundamental importância. Um irmão ou familiar compatível é considerado o melhor doador, mas apenas de 25% a 30% dos pacientes conseguem obtê-lo via família (BRASIL, 2014). A falta de motivação, oportunidade e comunicação são fatores negativos para o cadastro de doadores pelo REDOME – o déficit de informação é a maior barreira enfrentada para o aumento dos doadores (LIMA, et al. 2015).

Desse modo, a proposta de realizar um Projeto de Extensão para captar doadores de medula tinha como objetivo aumentar o número de cadastros no REDOME e diminuir os níveis de incompatibilidade entre receptores e doadores. Além disso, o estímulo para essa extensão considerou a falta de acesso pelas populações dos municípios, onde não há unidades de hemocentro instaladas. Essa realidade, entretanto, pode ser modificada com ações interinstitucionais. Assim, o objetivo deste relato é descrever a experiência das atividades do projeto de Extensão do IFPE, Campus Pesqueira, intitulado “Minha vida na sua vida: Sensibilização comunitária sobre cadastro no banco de doadores de medula óssea”, cujo intuito era sensibilizar e captar o maior número de pessoas para realizar o cadastro no REDOME num município em que não havia hemocentro e no qual as pessoas entendiam pouco sobre a doação de medula óssea. Esse projeto foi iniciado em fevereiro de 2019, e sua primeira ação buscou sensibilizar e cadastrar os participantes da IX Conferência Municipal de Saúde de Pesqueira-PE, que ocorreu no dia 22/03/2019, com duração total de 4 horas, e que contou com um grupo de 119 pessoas.

Desenvolvimento

Trata-se de um relato da vivência das primeiras atividades do projeto de extensão intitulado “Minha vida na sua vida: Sensibilização comunitária sobre cadastro no banco de doadores de medula óssea”, realizado em Pesqueira-PE, Brasil, entre fevereiro e abril de 2019.

O município de Pesqueira-PE localiza-se a 215 Km da capital Recife e tem uma população de 63.519 mil habitantes. A Rede SUS de Atenção Primária à Saúde de Pesqueira é composta por 16 equipes de Saúde da Família (ESF), correspondendo a 87% de área coberta no município. Ela também dispõe de duas equipes do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF).

A rede de atenção Secundária de Saúde de Pesqueira é composta por um Centro de Saúde da Mulher (que atende mulheres em diversas áreas e também crianças de até 12 anos de idade), um Centro de Especialidades, um Centro de Especialidades Odontológicas, um Centro de Atenção Psicossocial II, uma Unidade Básica do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, além do Hospital Dr. Lídio Paraíba.

Esse município foi escolhido por sediar atividades curriculares e de extensão do Curso de Bacharelado em Enfermagem do IFPE, Campus Pesqueira, caracterizando-se assim como uma possibilidade de compor a tríade ensino-pesquisa-extensão como potencializadora de intervenções multiprofissionais e interdisciplinares no enfrentamento das demandas por saúde dessa comunidade. Além disso, nesse município, por não haver

unidade de hemocentro, o processo de sensibilização e cadastro no banco de medula óssea quase não existe, devido à necessidade de profissionais para realizar a sensibilização e devido ao deslocamento para outro município.

Nesse contexto, inicialmente ocorreu o estabelecimento de um vínculo entre o IFPE e o Núcleo de Hemoterapia Regional de Arcoverde-PE, local mais próximo de Pesqueira onde existe hemocentro. Para o desenvolvimento do projeto, a parceria foi fundamental para a promoção do incentivo à doação de medula óssea na região, bem como para a ampliação de captação na rede. Durante esse processo e durante a execução do projeto de extensão, foi solicitado à central de sangue de Pernambuco apoio e deslocamento do hemocentro de Arcoverde-PE para Pesqueira e a devida liberação estadual.

Após as autorizações, a equipe de docentes e extensionistas planejou, juntamente com a coordenação técnica do hemocentro e com o público-alvo, as possíveis datas para a execução das ações. Optou-se por abordar locais com grande volume de pessoas (como escolas, fábricas, centros comerciais e feiras livres da cidade) durante quatro períodos do ano de 2019.

Porém, este ano foi reservado para as conferências municipais de saúde no âmbito do SUS em todo o país. Esse momento está destinado à discussão das políticas pelos atores usuários, profissionais e gestores, em busca de melhorias nas ações e serviços de saúde. Nesse contexto, os organizadores do projeto viram nesse evento uma possibilidade de cadastrar pessoas na REDOME, bem como de divulgar o projeto em toda a região. Assim, optou-se por fazer a primeira etapa das ações no dia da Conferência Municipal de Saúde de Pesqueira-PE, que ocorreu em 22/03/2019. Imediatamente, a Secretaria Municipal de Saúde de Pesqueira foi acionada, apoiando e colaborando prontamente com a ação.

Para a execução da divulgação, optou-se pela utilização de panfletos, folders e cartazes disponibilizados pelo núcleo de hemoterapia; de folders digitais enviados por meio da rede social e grupos de profissionais de saúde, e também por meio do rádio, com a realização de uma entrevista no dia 20/03 para informar e convidar a população que estivesse presente na conferência de saúde.

Em um momento específico, nos laboratórios do IFPE, todos os discentes do projeto de extensão que já tinham conhecimento e habilidade técnica de punção venosa periférica de sangue foram submetidos a um treinamento com o uso de dispositivo adequado para esse tipo de coleta de sangue para cadastro.

A materialização da ação ocorreu no dia 22 de março de 2019, a partir das 9h00 da manhã, durante a Conferência Municipal de Saúde de Pesqueira. No momento de abertura do evento, a coordenação do Núcleo de Hemoterapia Regional de Arcoverde, que estava ali presente, foi convidada pelo Secretário Municipal de Saúde a compor a mesa de honra e proferiu uma palestra para as 119 pessoas inscritas no auditório sobre a sensibilização e a conscientização da importância da doação de medula óssea, sobre os baixos números de cadastro nos hemocentros de Pernambuco, bem como sobre os requisitos necessários para cadastrar e doar medula.

Para a recepção dos participantes, foram exibidas, após esse momento, imagens que aludiam à doação de medula óssea e informações sobre o cadastro. Além disso, foram fixados cartazes durante todo o percurso de entrada do local até a entrada do auditório. A equipe do projeto esclareceu as dúvidas nesse momento inicial, e quatro mesas foram estruturadas para a operacionalização da atividade – uma delas para a realização do preenchimento do cadastro e assinaturas de participação, e as outras para as coletas das amostras sanguíneas.

As atividades ocorreram durante todo o evento, e foi possível realizar cadastro e a coleta de sangue de 54 profissionais de saúde, pois 18 já estavam cadastrados, 9 apresentavam doenças prévias, e os demais se recusaram.

Posteriormente a essa ação, houve intensa divulgação da ação desse projeto, e pessoas da região portadores de leucemia contataram a professora coordenadora na busca de apoio por mais cadastros e mobilização social da região. A equipe ofereceu o apoio e a logística necessários, juntamente com o hemocentro de Arcoverde, para ajudar a população que necessitava de possíveis doadores. Desse modo, após reunião, planejou-se uma grande mobilização e um mutirão de cadastro no banco da REDOME para o dia 29/04/2019, às 9h00, no estacionamento do IFPE, com cobertura da mídia local de televisão e rádio. Esse evento previa a sensibilização e o cadastro de uma média de 300 pessoas em prol da campanha em homenagem a uma jovem pesqueira portadora de leucemia que procurava desesperadamente uma possibilidade de compatibilidade de medula. Entende-se que quanto mais cadastros na REDOME forem realizados, maiores serão as possibilidades de encontrar doadores compatíveis e realizar transplantes.

Essa experiência buscou a efetivação das práticas em saúde, contribuindo assim para o processo educativo e de cuidado. Logo, essas práticas devem ser norteadas pelo princípio da humanização, compreendida aqui como atitudes e comportamentos sociais que colaborem para reforçar o caráter da atenção à saúde como direito e que melhorem os conhecimentos das pessoas sobre a doação de medula. O objetivo é ampliar e multiplicar a doação mútua e salvar vidas.

Avaliação

Essa experiência contribuiu para oportunizar, sensibilizar e fornecer conhecimento à população, aos profissionais de saúde e aos gestores sobre os benefícios sociais e de saúde da doação de medula óssea. Nesse momento, foi possível também cadastrar na REDOME um município em que não existia núcleo de hemoterapia, com a possibilidade de levar saúde e procedimentos médicos a vários municípios da região.

A partir desse conhecimento e reflexão, novas ações poderão dar visibilidade à doação de medula nos diferentes contextos sociais, a fim de conscientizar a população e aumentar o número de doadores compatíveis em todas as dimensões.

Observa-se, como ponto a ser melhorado, que a população desconhece o processo de cadastro e

doação de medula. Por conviverem com uma série de mitos e por terem conhecimento limitado, não aderem ao processo de cadastro e à possibilidade de doação de medula óssea.

Dessa forma, de uma forma geral, apresenta-se como um grande desafio, para a equipe e para os núcleos, aumentar a rede de informação, a sensibilização e a educação da população geral e dos profissionais de saúde com informações e relatos dos passos que deverão ser seguidos para se tornar um doador, bem como sobre os benefícios àqueles que necessitam da doação.

As medidas propostas no decorrer das ações executadas, neste ano, com o apoio de redes que lutam pela doação de medula, como o hospital do câncer de Pernambuco, além das famílias e dos grupos de apoio que convivem com portadores dessa doença, da mídia, dos bloggers e dos estudantes, visavam aumentar ainda mais a sensibilização sobre o cadastro de doadores. À medida que as pessoas se sensibilizam, elas podem repassar informações para outras pessoas e, assim, aumentar o número de possíveis doadores voluntários.

Resultados Alcançados

As atividades decorrentes de ações referentes a essa extensão favoreceram a promoção da integração entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, campus Pesqueira, o Hemocentro de Arcoverde-PE, a Secretaria Municipal de Saúde de Pesqueira e a comunidade geral, com produção de conhecimentos e trocas de experiências, de modo cientificamente competente e socialmente relevante, uma vez que a intervenção buscou sensibilizar de forma objetiva a busca por potenciais doadores de medula óssea.

A realização de atividade na comunidade, em parceria com o hemocentro e a secretaria de saúde, promoveu a sensibilização e acesso à informação sobre todos os aspectos relacionados à conceituação e à importância da doação de medula óssea, além de possibilitar o cadastro de pessoas no REDOME, em um município que não possuía uma unidade do Hemocentro.

A sensibilização ocorreu com todos os participantes no momento da palestra, durante a abertura da VIII Conferência Municipal de Saúde de Pesqueira, com a equipe do Núcleo de Hemoterapia Regional de Arcoverde. O eixo temático abordado incluiu a importância de ser um doador voluntário de medula óssea, como é feito o cadastro, as exigências para se tornar um doador, como é feita a coleta, e os passos que devem ser seguidos para a doação. Ao final da palestra, foi feito um convite para que os participantes fossem até o espaço que estava montado ao lado do auditório, onde havia uma estrutura para realizar o cadastro e a coleta da amostra sanguínea.

Dos 119 participantes, 54 pessoas aceitaram realizar o cadastro de doadores voluntários de medula óssea. A maior parte do público da conferência era composta por profissionais de saúde do município,

fator que potencializou a disseminação da importância desse cadastro para a população geral. A divulgação ocorreu, por exemplo, em suas atuações profissionais. Após essa ação, a equipe participou e colaborou com a organização de um grande evento de cadastro de medula óssea proposto por familiares de pessoas com leucemia. O objetivo era abarcar um grupo de 300 pessoas na manhã do dia 29/04/2019.

Desse modo, essa experiência foi fundamental para a construção de novos saberes e práticas, considerando a complexidade da dimensão dos serviços de saúde e dos processos de trabalho necessários para garantir o cuidado em atenção integral e as medidas sociais de apoio às pessoas que necessitam de doação de medula óssea.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde, Instituto Nacional do Câncer José Gomes da Silva – INCA. **Transplante de medula óssea**. Rio de Janeiro: INCA, 2014a. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/orientacoes/site/home/perguntas_e_respostas_sobre_transplante_de_medula_ossea>. Acesso em: 07 abril 2019.
- _____. **A Fundação Hemope**. Recife: Hemope, 2014b. Disponível em: <www.hemope.pe.gov.br/fund-apresentacao.php> Acesso em: 06 abril 2019.
- DE FRANÇA, M. M; DE FRANÇA, M. M; DA SILVA, R. B. R; DE SENA, R. C; JUNIO, A. A. L. Transplante De Medula Óssea “A Busca Do Doar”. **Revista Saúde**, v. 11, n. 1 (ESP), 2017. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/3170/2290>>. Acesso em: 07 de abril de 2019.
- DIAS, Priscila Pinheiro; SILVA, Antonio Danilo Souza; DE OLIVEIRA, Jonas Sâmí Albuquerque. Mortalidade Infantil por Leucemia Linfóide nas Regiões do Brasil. **Revista Brasileira de Inovação Tecnológica em Saúde**, v. 6, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/reb/article/view/9693/7091>>. Acesso em: 08 abril 2019.
- LIMA, . N. R. ; MARTINS. C. P. ; MIGUEL. M. P. **Avaliação do conhecimento de acadêmicos universitários sobre o transplante de medula óssea e dos motivos para o não cadastramento no redome**. 2015. Disponível em:<<https://repositorio.bc.ufg.br/xmlui/handle/ri/13779>>. Acesso em: 06 abril 2019.

IDENTIFICAÇÃO

Título da atividade/projeto: Oficinas Synesthesia Vision

Linha temática: Integração entre ensino, pesquisa e extensão.

Instituição(ões) envolvida(s): Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - Campus Recife.

Proponente ou proponentes: Aida Araújo Ferreira

Servidor ou servidores: Gilmar Gonçalves de Brito, Ioná Maria Beltrão Rameh Barbosa, Meuse Nogueira de Oliveira Júnior, José Carlos Amaral Silva dos Santos, Ronaldo Ribeiro Barbosa de Aquino.

Discentes: Camila Fernanda de Aquino Luna, João Victor Brito Mouzinho, Ryan Vinicius Santos Moraes, Arthur Lima de Araújo Miranda, Lidya Nascimento da Silva.

Oficinas Synesthesia Vision

Introdução

Uma das principais funções da visão é ajudar a integrar diferentes modalidades sensoriais e compreender as várias informações que recebemos dos sentidos. A bengala, usada pelos cegos, funciona como extensão do sentido tátil e auxilia na locomoção. Contudo, apenas a bengala não atende à necessidade de reconhecimento de objetos localizados acima da linha da cintura, comumente encontrados nos centros urbanos e que se configuram como barreiras físicas capazes de provocar acidentes. Para auxiliar os cegos a perceberem obstáculos acima da linha da cintura e, conseqüentemente, promover a locomoção com liberdade e segurança, alunos do IFPE vêm desenvolvendo o projeto Synesthesia Vision (<http://synesthesiavision.com/>) desde 2015. Nesse projeto, foram criados um protótipo de óculos sensoriais e um aplicativo para dispositivos móveis, que é responsável pelo controle dos óculos e que se encontra disponível de forma gratuita na Google Play Store. O reconhecimento dos obstáculos está baseado na utilização de sensores ultrassônicos que transmitem a distância e a localização entre o usuário e os objetos localizados na área acima da linha da cintura para o microcontrolador dos óculos. A distância e a localização são transformadas pelo aplicativo em som binaural (som tridimensional ou som 3D). A utilização do som 3D possibilita ao usuário dos óculos detectar a proximidade do obstáculo e a direção em que se encontra. O som tridimensional tem a capacidade de posicionar a fonte de áudio em relação a um ponto, permitindo ao ouvinte descrever com alta precisão a localização de qualquer fonte de áudio. Esse efeito é gerado por vários componentes de som, incluindo volume, frequência e o atraso que as ondas de áudio têm entre as orelhas esquerda e direita.

Visando desenvolver o interesse de estudantes do ensino médio/superior pela área de tecnologia da informação; ensinar conhecimentos básicos de eletrônica, programação, física e matemática; criar

uma consciência coletiva sobre as dificuldades enfrentadas pelos cegos no seu deslocamento; estimular a comunidade de desenvolvedores de software a contribuir com o projeto através do desenvolvimento de novas funcionalidades, além de estimular a solidariedade, foram realizadas oficinas de robótica livre, chamadas de Oficinas Synesthesia Vision, em três escolas municipais de Pernambuco (em Recife, Paulista e Afogados da Ingazeira). A Robótica livre permite que os estudantes construam robôs e protótipos de objetos da vida real com componentes eletrônicos de baixo custo, materiais reciclados e softwares livres, estimulando a criatividade. Ela envolve mecânica, eletrônica e programação. A ideia das Oficinas Synesthesia Vision é capacitar os estudantes para a montagem dos componentes eletrônicos, a instalação e os testes do software de controle dos óculos. Ao final das oficinas, é feita a doação dos equipamentos criados pelos participantes para estudantes cegos do município do estado de Pernambuco.

Esse projeto foi financiado pelo IFPE através de duas bolsas de extensão para alunos do IFPE/RECIFE e pelo Cnpq, projeto 440044/2018-9, com recurso para a aquisição de material de consumo.

Desenvolvimento

Com o intuito de desenvolver o interesse de estudantes do ensino médio/técnico/superior pela área de tecnologia da informação; ensinar conhecimentos básicos de eletrônica, programação, física e matemática; criar uma consciência coletiva sobre as dificuldades enfrentadas pelos cegos no seu deslocamento; estimular a comunidade de desenvolvedores de software a contribuir com o projeto (disponível de forma gratuita no GitHub) através do desenvolvimento de novas funcionalidades; e estimular a solidariedade, foram realizadas oficinas de robótica livre, chamadas Oficinas Synesthesia Vision, em escolas de 3 municípios de Pernambuco. A ideia da Oficina Synesthesia Vision é capacitar os estudantes para a montagem dos componentes eletrônicos nos óculos, a instalação e os testes do software de controle e, ao final, doar os óculos sensoriais para estudantes cegos de Pernambuco.

Além disso, o projeto também contribui para despertar o interesse dos estudantes para atividades de pesquisa e inovação, corroborando assim para a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, uma vez que, por meio da execução do referido projeto, todo o arcabouço de conhecimento gerado não se limita aos pesquisadores diretamente envolvidos. As Oficinas Synesthesia Vision foram realizadas no IFPE, nos campi de três municípios de Pernambuco (Recife, Paulista e Afogados da Ingazeira), durante a SNCT de 2018, que aconteceu em outubro de 2018. Os municípios selecionados se localizam entre a Região Metropolitana do Recife e o Sertão do Estado. Foram realizadas quatro oficinas no IFPE/Recife, uma oficina no IFPE/Paulista e duas oficinas no IFPE/Afogados da Ingazeira, com a participação de cerca de 60 estudantes.

As oficinas realizadas em Afogados da Ingazeira atenderam estudantes e professores de cinco municípios, sendo eles: Afogados da Ingazeira, Iguaraci, Tabira, Triunfo e Sertânia. No final das oficinas de Afogados da Ingazeira, foram doados cinco óculos sensoriais para a continuidade das ações de robótica

livre nesses municípios. Nessas oficinas, grupos de até 10 estudantes do ensino médio/técnico ou superior realizaram a montagem dos componentes eletrônicos nos óculos sob supervisão dos pesquisadores e estudantes do IFPE, os quais, utilizando-se de recurso metodológico de natureza prática, promoveram o processo de ensino-aprendizagem de forma crítica, autônoma e prazerosa, introduzindo conhecimentos básicos de eletrônica, programação, física e matemática, criando uma consciência coletiva sobre as dificuldades enfrentadas pelos cegos no seu deslocamento e estimulando a comunidade a contribuir com o projeto (disponível de forma gratuita no GitHub) através do desenvolvimento de novas funcionalidades.

Os insumos necessários para a realização das oficinas foram adquiridos através de projeto aprovado no Cnpq (número 440044/2018-9). O IFPE apoiou o projeto através de um programa de extensão, com duas bolsas para alunos do IFPE/Recife – uma do curso Técnico em Eletrônica e outra do curso superior de Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Entre os insumos, estão os componentes eletrônicos, a impressão 3D dos óculos sensoriais (onde os componentes eletrônicos são instalados), o manual de montagem e o manual do aplicativo Synesthesia Vision. Os manuais foram disponibilizados no repositório do projeto Synesthesia Vision (<<https://github.com/aidaferreira/synesthesiavisionionic>>) e a instalação do aplicativo, que é gratuita, está disponível para dispositivos móveis (Android) na Google Play Store.

Avaliação

As soluções tecnológicas apresentadas nas oficinas Synesthesia Vision capacitaram os estudantes para a montagem dos componentes eletrônicos, a instalação e os testes do software de controle, e também contribuíram para despertar o interesse dos estudantes pela área de Ciências Exatas e pelas atividades de pesquisa e inovação, corroborando assim para a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, uma vez que, por meio da execução das oficinas, todo o arcabouço de conhecimento gerado é disponibilizado para a comunidade. Uma vez que o projeto do hardware e do software são abertos (e gratuitos), novas ideias poderão ser implementadas e gerar novos produtos, aplicativos, patentes e artigos científicos.

A divulgação do projeto e a disponibilização gratuita do material pela Internet possibilitam que ações multiplicadoras não se restrinjam apenas aos municípios atendidos nesta proposta. Segundo o IBGE, em 2017, 70,5% dos lares brasileiros contavam com acesso à Internet, ou seja, o projeto pode alcançar qualquer município do país com acesso à Internet.

Este projeto foi avaliado e aprovado pelo Cnpq e pelo IFPE. Recebeu financiamento pelo IFPE através de bolsas de extensão e bolsas de iniciação científica para alunos do IFPE/RECIFE. Recebeu financiamento pelo Cnpq (projeto 440044/2018-9) com recurso para aquisição de material de consumo.

Estes são artigos e resumos publicados sobre os óculos sensoriais que são utilizados nas oficinas synesthesia vision:

BARNEY, MICHAEL; KILNER, JONATHAN; BRITO, GILMAR; ARAÚJO, AIDA; NOGUEIRA, MEUSE . Sensory

Glasses for the Visually Impaired. In: the 14th Web for All Conference, 2017, Perth. Proceedings of the 14th Web for All Conference on The Future of Accessible Work – W4A '17. New York: ACM Press, v. 1, 2017, p. 1. Disponível em: <<https://dl.acm.org/citation.cfm?doid=3058555.3058584>>.

KILNER, J.; Michael Barney Galindo Júnior; Gilmar Gonçalves de Brito; Aida A. Ferreira; Meuse Nogueira de Oliveira Júnior; BARBOSA, I. M. B. R. . ÓCULOS SENSORIAIS PARA DEFICIENTES VISUAIS. In: II ENCONTRO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO DO IFPE, 2017, Igarassu. II ENCONTRO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO DO IFPE. Futuro da TI: Colaboração, Carreiras e Tecnologia, 2017.

Saulo Alexandre de Barros; FERREIRA, A. A. Desenvolvimento de óculos sensorial para deficientes visuais. In: XI Congresso de Iniciação Científica do IFPE, 2016, Pesqueira. Anais do XI Congresso de Iniciação Científica (CONIC)/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, 2016. p. 356-359. Premiação na XIV Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do Campus Recife: terceiro Lugar como pôster, IFPE.

Resultados Alcançados

As soluções tecnológicas apresentadas nas oficinas Synesthesia Vision capacitaram os estudantes para a montagem dos componentes eletrônicos, instalação e testes do software de controle e também contribuíram para despertar o interesse dos estudantes pela área de Ciências Exatas e por atividades de pesquisa e inovação, corroborando assim para a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, uma vez que, por meio da execução das oficinas, todo o arcabouço de conhecimento gerado é disponibilizado para a comunidade. Uma vez que o projeto do hardware e do software são abertos (e gratuitos), novas ideias poderão ser implementadas e gerar novos produtos, aplicativos, patentes e artigos científicos.

As Oficinas Synesthesia Vision foram realizadas no IFPE, nos campi de três municípios de Pernambuco (Recife, Paulista e Afogados da Ingazeira), durante a SNCT de 2018, que aconteceu em outubro de 2018. Os municípios selecionados se localizam entre a Região Metropolitana do Recife e o Sertão do Estado. Foram realizadas quatro oficinas no IFPE/Recife, uma oficina no IFPE/Paulista e duas oficinas no IFPE/Afogados da Ingazeira, com a participação de cerca de 60 estudantes. As oficinas realizadas em Afogados da Ingazeira atenderam estudantes e professores de cinco municípios, sendo eles Afogados da Ingazeira, Iguaraci, Tabira, Triunfo e Sertânia. No final das oficinas de Afogados da Ingazeira, foram doados cinco óculos sensoriais para a continuidade das ações de robótica livre nesses municípios.

A divulgação do projeto e a disponibilização gratuita do material pela Internet possibilitaram que ações multiplicadoras não se restringissem apenas aos municípios atendidos nessa proposta, pois, segundo o IBGE, em 2017, 70,5% dos lares brasileiros contavam com acesso à Internet, ou seja, o projeto pode alcançar qualquer município do país com acesso à Internet.

Este projeto foi financiado pelo IFPE, através de duas bolsas de extensão para alunos do IFPE/RECIFE e também foi financiado pelo Cnpq (projeto 440044/2018-9) com recurso para aquisição de material de consumo.

IDENTIFICAÇÃO

Título da atividade/projeto: Projeto “Vista Minha Cor”

Linha temática: Integração entre saberes da educação profissional com saberes da educação básica.

Instituição(ões) envolvida(s): Campus Ceilândia (Instituto Federal de Brasília) e Escola Classe 25 de Ceilândia (Secretaria de Educação do Distrito Federal).

Proponente ou proponentes: Micheli Suellen Neves Gonçalves

Servidor ou servidores: Juliana Parente Matias, Adriana Miranda Lopes, Alessandra Parreira Alexandre.

Discentes: Leonardo Barbosa Mendes, Maria Aparecida Rufino de Carvalho, Thiago Rosa André.

Projeto “Vista Minha Cor”

Introdução

O Brasil é o país com a maior população negra fora da África; entretanto, práticas racistas ocorrem frequentemente em nossa sociedade. A Educação Escolar pode ser uma grande aliada para o combate de práticas racistas e para a formação de cidadãos conscientes, especialmente quando iniciada desde os primeiros anos da idade escolar.

Com base nessa compreensão, o projeto “Vista Minha Cor” foi um projeto de intervenção que atendeu cerca de 30 estudantes do Ensino Fundamental matriculados na Escola Classe 25 de Ceilândia (EC 25 de Ceilândia). O projeto teve como objetivo geral conscientizar e combater o racismo dentro e fora do ambiente escolar, e foi concomitante à iniciação do ensino da língua espanhola por meio de linguagem artística (música, filme e curtas-metragens infantis).

Como objetivos específicos, o projeto buscou: a) estimular o respeito às diferenças; b) iniciar os alunos na língua espanhola utilizando a linguagem artística; c) ampliar as formas de compreensão da realidade sobre a população negra no Brasil e d) apresentar histórias e tradições africanas por meio de curtas-metragens infantis.

A construção desse projeto ocorreu durante os dois semestres letivos de 2018 e partiu de uma ação de integração de duas disciplinas que compõem o curso de Licenciatura em Letras-Espanhol do IFB/Campus Ceilândia, quais sejam: “Cultura e Sociedade” e “Prática de Ensino”, orientadas pelas docentes da rede federal de ensino supracitadas.

Esse foi um momento fundamental de aprimoramento da proposta de intervenção. Três licenciandos

envolvidos no projeto tiveram a oportunidade de aprofundar conhecimentos inerentes à prática docente, além de planejar e efetivar a proposta de intervenção.

Ao final do segundo semestre de 2018, o projeto foi submetido ao Programa de Incentivo à Cultura, Esporte e Lazer Discente – PINCEL (Edital Nº 14/CCEI/IFB, de 13 de agosto de 2018) e obteve aprovação e recursos financeiros para apoiar sua execução.

Ancorado na perspectiva de educação freiriana, em que diálogo, engajamento, reflexão e ação para a transformação social são elementos primordiais no ato educativo (FREIRE, 2011), o projeto foi desenvolvido durante quatro meses (setembro a dezembro de 2018) e esteve organizado em duas frentes de trabalho: formação docente e oficinas com estudantes do Ensino Fundamental.

Na frente de trabalho vinculada à formação docente, os três licenciandos desenvolveram atividades de observação do ambiente e das práticas escolares realizadas na EC 25 de Ceilândia, planejaram oficinas, construíram uma sequência didática que seria utilizada como apoio pedagógico para as oficinas; e gerenciaram recursos financeiros obtidos para a execução do projeto.

Já na segunda frente de trabalho, os alunos protagonizaram as oficinas realizadas com os alunos do Ensino Fundamental, articulando o combate do racismo e a compreensão da realidade sobre a população negra no Brasil com o ensino da língua espanhola.

Diante do exposto, o projeto constitui-se como uma atividade essencial para a formação de futuros docentes e possibilitou a formação de indivíduos conscientes e não reprodutores de relações de preconceito racial. Ademais, superou as expectativas iniciais, especialmente após a interação com a comunidade escolar, pela qual o projeto obteve reconhecimento. Foram realizadas mostras fotográficas e houve socialização dos resultados preliminares do projeto em eventos científicos (sem publicações em anais científicos, impressos ou eletrônicos).

Desenvolvimento

A fase de planejamento do projeto, ocorrida no primeiro semestre de 2018, foi dividida em duas fases: inicialmente houve aprofundamento teórico sobre o racismo no Brasil; em seguida, ocorreu a elaboração e o aprimoramento do projeto.

A fase de execução do projeto foi realizada no segundo semestre de 2018, e obteve subsídio no valor de mil e quatrocentos reais, obtidos através da aprovação no Programa de Incentivo à Cultura, Esporte e Lazer Discente – PINCEL (Edital Nº 14/CCEI/IFB, de 13 de agosto de 2018), recurso destinado integralmente às ações do projeto.

Nessa etapa, os licenciandos realizaram duas semanas de observação e aproximação com duas turmas do 2º ano do Ensino Fundamental do período vespertino da EC 25 de Ceilândia. O objetivo dessa

fase foi conhecer a realidade das turmas, criar vínculos entre os participantes do ato educativo (alunos e licenciandos), e elaborar, de forma concomitante, o material didático a ser aplicado durante as oficinas interventivas.

A partir desse contato inicial, fundamental para a formação e prática docente, foram realizadas as intervenções, que totalizaram quatro encontros realizados semanalmente, com duração de duas horas cada.

A metodologia das intervenções consistiu na apresentação de filmes de curta-metragem com linguagem infantil. Os filmes estavam vinculados à temática do racismo e do preconceito. Após a apresentação, foram realizados debates e atividades lúdicas como forma de sistematização do aprendizado (pintura em tela, construção de cartas motivadoras aos personagens que vivenciaram situações de racismo e vivência musical em espanhol).

Desse modo, as ações do projeto foram organizadas da seguinte maneira:

OFICINA	OBJETIVO	ATIVIDADES REALIZADAS	OBSERVAÇÕES
10/10/2018	Observação do ambiente e das práticas escolares realizadas na EC 25 de Ceilândia.	Observar a rotina escolar dos alunos e dos professores	Atividades de suma importância para conhecer as crianças e para se adaptar às atividades.
22/10/2018	Observação; Planejar as atividades com os alunos especiais.	Observar e planejar as atividades para atender todos os alunos; Organizar o uso dos materiais em sala de aula.	
31/10/2018	Assistir ao filme “Kiriku e a feiticeira”; Organizar debate sobre o filme e os personagens; Iniciar a atividade da sequência didática – o dicionário do dia.	Assistir ao filme “Kiriku e a feiticeira”; Fomentar diálogo sobre o filme e os personagens, sensibilizando-os para as práticas de preconceito, racismo, entre outros temas.	As crianças ficaram superconcentradas com o filme e atentas durante a exibição. Além disso, foram muito participativas nas discussões.
09/11/2018	Assistir ao documentário “Ninguém nasce racista”; Dar continuidade à sequência didática – Dicionário do Dia e construção de palavras em espanhol; Ensaiai a música “El negro Cirilo”.	Assistir ao filme “Ninguém nasce racista”; Fazer a cartinha para o Kiriku – personagem do filme que sofre com práticas racistas; Dar continuidade à sequência didática; Ensaiai a música “El negro Cirilo”.	Algumas crianças se emocionaram ao ver o documentário e fizeram a cartinha da forma mais caprichosa.

14/11/2018	Realizar a atividade “autorretrato”; Ensaiai a música; Finalizar a sequência didática.	Atividade “autorretrato”: os alunos realizaram pinturas em caixas de maçã com o objetivo de construir autorretratos; Ensaiai a música “El negro Cirilo”; Finalizar a sequência didática.	
19/11/2018	Fazer ornamentos com as crianças para a exposição do dia 24/11/2018; Ensaiai a música “El negro Cirilo”.	Fazer ornamentos para a exposição do dia 24/11/2018; Ensaiai a música “El negro Cirilo”; Fotografar as crianças com seus autorretratos.	
23/11/ 2018	Montar o painel para a exposição do dia 24/11/2018.	Montar o painel para a exposição do dia 24/11/2018 (com os quadros e pinturas das crianças).	
24/11/2018	Mostra fotográfica no EC 25 de Ceilândia, na ocasião da programação do dia da Consciência Negra.	Expor e conversar com as crianças e familiares sobre o projeto.	
27/11/2018	Realização da mostra fotográfica do projeto na ocasião do II no CEINEPE.	Montar a mostra fotográfica; Organizar visita das crianças da EC 25 de Ceilândia no IFB/Campus Ceilândia; Apresentação musical das crianças participantes do projeto na abertura da mostra fotográfica.	As crianças ficaram muito felizes ao conhecer o IFB e aproveitaram ao máximo o tempo no IFB. Houve grande participação da comunidade do IFB/ Campus Ceilândia (técnicos, professores e gestores) e da comunidade externa.

Avaliação

Por se tratar de uma atividade que envolve objetivos qualitativos e a aprendizagem com crianças, o processo de avaliação foi realizado na perspectiva da avaliação processual.

Assim, as atividades realizadas durante as oficinas interventivas foram avaliadas por meio da participação e do envolvimento dos alunos nas atividades e na sistematização da aprendizagem, por meio da sequência didática construída previamente durante o processo de observação das duas turmas do 2º ano do Ensino Fundamental que participaram do projeto.

No que tange ao processo de avaliação da atuação dos licenciandos participantes do projeto, foi construído um diário de campo individual. Nele, foram realizadas anotações referentes às observações, desafios e aprendizagem vivenciados em cada dia de atividade.

A escrita desses relatos de experiências foi um exercício importantíssimo de avaliação e de descoberta da profissão para os futuros educadores, momento em que puderam pensar sobre suas práticas e reconhecer os saberes necessários à ação docente, dos mais simples aos mais complexos, tais como: habilidade de escrita no quadro branco e importância do planejamento prévio das atividades.

Resultados alcançados

A médio prazo, como resultado, o projeto proporcionou a integração de duas instituições escolares – Instituto Federal de Brasília e Escola Classe 25 – de grande importância para a localidade de Ceilândia. A integração entre as instituições possibilitou novas frentes de trabalho. Atualmente, as duas instituições buscam meios para viabilizar a ampliação das ações do projeto. O objetivo é abranger todas as turmas da EC 25 que compõem o Bloco Inicial de Alfabetização (BIA).

Considerando os resultados de médio e longo prazos, entendemos que o projeto constituiu-se como uma experiência ímpar para a formação de futuros docentes, pois envolveu pesquisa, reflexão coletiva, planejamento da prática e ação transformadora, ou seja, a práxis integrada à formação de professores (CURADO; LIMONTA, 2014), além de ser um momento de vivência da prática docente, de difusão de ações, ideias e valores que discutem a questão racial brasileira. Para as crianças, as intervenções são possibilidades singulares de aprendizado, pois a articulação de atividades lúdicas, planejadas para envolver diferentes linguagens, propicia a formação de indivíduos conscientes e não reprodutores de relações de preconceito racial (no caso do projeto, o tema esteve aliado à iniciação do ensino da língua espanhola).

Além das atividades e dos objetivos inicialmente planejados, a integração do projeto com a comunidade escolar das duas instituições envolvidas possibilitou a ampliação das ações. Assim, além do programado inicialmente, foram realizadas as seguintes atividades:

Socialização dos resultados preliminares do projeto em forma de pôster, em dois eventos científicos: na 2ª Semana Acadêmica de Pedagogia do Instituto Federal de Brasília, realizada no IFB/Campus São Sebastião no período de 7 a 9 de novembro de 2018; e no Congresso Internacional intitulado “Internacionalização da Educação Básica e Superior: Desafios, Perspectivas e Expectativas”, que aconteceu na Universidade Católica de Brasília (UCB) no período de 7 a 9 de março de 2019 (ambas não resultaram em publicações em anais científicos, impressos ou eletrônicos);

Mostra fotográfica do projeto na programação do dia da Consciência Racial, promovida pela EC 25 de Ceilândia;

Mostra fotográfica do projeto no evento anual do IFB/Campus Ceilândia – no II Ceilândia Integrando Ensino, Pesquisa e Extensão (II CEINEPE), realizado em 26 e 29 de novembro de 2018.

A abertura da última atividade (mostra fotográfica) constituiu um momento de finalização e de confraternização e contou com os alunos do Ensino Fundamental participantes do projeto. Nesse momento, os alunos realizaram a apresentação musical da canção “El negro Cirilo”, trabalhada durante o projeto. Além disso, puderam interagir com os servidores do Campus, bem como conhecer as instalações físicas da instituição.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- CURADO, K. A. C. P. D. S.; LIMONTA, S. V. **Formação de professores em uma perspectiva crítico-emancipadora: a materialidade da utopia**. In: SILVA, K. A. C. P. D.; LIMONTA, S. V. Formação de professores na perspectiva crítica: resistência e utopia. Brasília: Universidade de Brasília, 2014. p. 11-28.

IDENTIFICAÇÃO

Título da atividade/projeto: Projeto tecendo sonhos

Linha temática: Integração da comunidade mediante a inclusão de minorias em espaços educativos (pessoas com deficiência, questões de gênero, vulnerabilidade social, raça e diversidade sexual).

Instituição(ões) envolvida(s): Instituto Federal de Brasília/Campus Ceilândia.

Proponente ou proponentes: Juliana Parente Matias

Servidor ou servidores: Micheli Suellen Neves Gonçalves, Giselma Ribeiro de Sousa, Hugo Leonardo Guimarães Souza.

Discentes: Jamille Andreia Montelo da Silva, Jeane Ferreira Maia, Karina Barbosa de Souza, Lilian Xavier Maciel, Margarete Freitas de Brito, Soraia Santos Almeida, Layse de Andrade Pereira Braga, Aliny Victoria Lima de Souza.

Projeto tecendo sonhos

Introdução

No contexto brasileiro, o número de idosos, pessoas com 60 anos ou mais, dobrou nos últimos 20 anos, conforme apontam dados do IBGE (2015). Em outubro de 2013, foi promulgada a lei nº 10.741, também denominada de Estatuto do Idoso, documento que garante a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária, com prioridade absoluta.

Em Brasília, segundo dados da Codeplan (2013), Ceilândia é a região administrativa que apresenta uma média de idosos até maior que o contexto nacional – 17% e 12,1%, respectivamente. Por esse motivo o Instituto Federal de Brasília, Campus Ceilândia, reconhecendo a importância de inserir esse público no contexto escolar, passou a ofertar cursos para pessoas da terceira idade. São disponibilizados semestralmente cursos de formação inicial e continuada nas áreas de informática e artes (coral da terceira idade).

No segundo semestre letivo de 2018, estudantes do curso de Licenciatura em Letras Espanhol iniciaram a elaboração do Projeto Tecendo Sonhos, que tinha como foco realizar atividades com os estudantes do coral da terceira idade. Essa proposta foi aprovada no Programa de Incentivo à Cultura, Esporte e Lazer – Pínel 2018, destinado a apoiar projetos de estudantes do Instituto Federal de Brasília, Campus Ceilândia.

A proposta foi elaborada por estudantes do segundo semestre do curso de Licenciatura em Letras espanhol, sob orientação de professores do referido semestre, que pensaram em organizar ações integradoras nas componentes de Educação Especial e Políticas Educacionais Inclusivas, Fundamentos da Educação e Práticas de Ensino.

Assim, a proposta foi voltada para a integração do coral da terceira idade do IFB com os alunos da licenciatura, com o intuito de proporcionar momentos de reflexão sobre o meio em que estão inseridos, além de explorar a criatividade e resgatar memórias e histórias de vida.

Delors (2001) afirma que o processo de aprendizagem do conhecimento é contínuo; nunca está acabado, podendo enriquecer-se com qualquer experiência. Diante do exposto, o projeto teve como objetivo geral desenvolver atividades de integração com alunos do curso de formação de professores e de Formação Inicial e Continuada (coral da terceira idade) realizados no âmbito do Campus Ceilândia por meio do trabalho de memória. Como objetivos específicos, buscou-se: a) refletir sobre as histórias de vida dos idosos; b) elaborar atividades com o intuito de explorar o lado criativo dos idosos; e c) visitar e ressignificar memórias como recortes da própria vida.

Público alvo: 30 alunos do Curso FIC do Coral da terceira idade.

Quantitativo de participantes: 4 docentes; 8 alunas do curso de Licenciatura em Letras Espanhol e 30 alunos do coral da terceira idade.

Duração da atividade: 3 meses.

Período de execução: Setembro a Novembro de 2018.

Desenvolvimento

As atividades do Projeto Tecendo Sonhos almejavam o desenvolvimento da autonomia dos alunos por meio da associação de atividades vivenciais que visavam desenvolver competências pessoais, sociais e cognitivas. Para alcançar seus objetivos, o projeto se organizou em 52 horas de atividades, que serão apresentadas em etapas para melhor entendimento.

Etapas de desenvolvimento da proposta:

Etapa 1 – Elaboração e Planejamento das Oficinas

Com o intuito de alcançar os objetivos apresentados no projeto, foram inicialmente definidos os temas para cada oficina, com foco na realização de atividades integradoras. Essas atividades foram classificadas em: conhecendo o outro, construção do mapa da vida (passado, presente e futuro), tertúlia adaptada com cordel, teia de conhecimento, e construção coletiva de uma colcha de retalhos memorativos.

Etapa 2 – Aplicação das Oficinas

1º Encontro – Oficina Conhecendo o Outro

Essa atividade pedagógica foi desenvolvida com o intuito de ser um momento de acolhimento e aproximação com a turma. Nesse encontro, os alunos apresentaram as equipes e se aproximaram dos

grupos de trabalhos. Além disso, nesse momento, foi realizada a sensibilização com os estudantes sobre a proposta do projeto. Nesse encontro, também foi construído um Contrato de Convivência com os estudantes do curso de licenciatura e com os estudantes do coral da terceira idade. Ficou acordado, assim, que os encontros aconteceriam todas as sextas-feiras, no período de setembro a novembro de 2018.

2º Encontro – Oficina Construção do Mapa da Vida (Passado, Presente e Futuro)

Acredita-se que o relato é uma extensão da memória na sua fase narrativa de recordações. Assim, a memória é repassada por dois processos: escrito e oral. Em prol de uma tradição memorial, a escrita foi sugerida aos alunos como meio de registro de experiência. Foi utilizado suporte material (folha de papel) para fazer as marcas de suas memórias (desenhos, palavras e textos) para, assim, relacioná-las com o presente e desejar o futuro.

A atividade de mapa da vida foi uma adaptação da metodologia desenvolvida pela Tertúlia Literária Dialógica, que visa ao desenvolvimento humano. Andrade (2017) aponta que essa atividade se configura quando uma diversidade de participantes se encontra regularmente para dialogar sobre textos e experiências vivenciados ao longo da vida.

Assim, a questão da memória foi desenvolvida aqui como a reapropriação de passado histórico, para ressignificar o futuro.

3º Encontro – Tertúlia Adaptada com Cordel

A memória nos remete às vivências; não temos nada melhor do que a memória. Diante dessas afirmações, pode-se vivenciar na prática, através dos escritos e relatos orais de experiências de vida, a real função das recordações.

A tertúlia dialógica foi realizada com a leitura do cordel; no primeiro momento, com a leitura silenciosa do texto pelos alunos. No momento seguinte, com a realização de uma leitura oral, foi solicitado que os alunos marcassem, no texto impresso, o que mais lhes havia chamado a atenção. Ao término, uma das integrantes gravou no celular o que cada aluno havia relatado sobre suas identificações com os trechos do texto. Nesse momento, quando os alunos relacionaram o texto às suas memórias, uma das alunas do coral da terceira idade apresentou um poema, escrito em tempo real e focado no texto trabalhado.

TRANSCRIÇÃO DO POEMA:

**“Na vida sempre estamos aprendendo
Besta é quem não consegue acompanhar a modernidade
Todos nós temos problemas
Mas sempre o meu é o de menos
Descobrir que sofrendo**

É que se aprende
Para mim a palavra desistir
Nem gosto de falar, nela não acredito
Pela idade que tenho
Já me sinto bastante forte
Estou sempre me descobrindo
Tenho muita esperança e fé no meu criador
E em mim”.

Maria José

4º Encontro – Oficina Teia de Conhecimento

Através da leitura do poema “Superação” de Bráulio Bessa e música instrumental ao fundo, foi possível fazer uma recordação social coletiva (recordações da infância, da adolescência, entre outros fatos lembrados).

As recordações foram desenvolvidas através da leitura de imagens. Com a leitura coletiva orientada pelas graduandas, os idosos puderam, com uma palavra, destacar suas lembranças. As palavras remetiam às imagens e às suas vivências. Construiu-se, assim, um mapa com temas para a atividade seguinte, que seria a construção da colcha de retalhos.

5º Encontro – Oficina Construção Coletiva de uma Colcha de Retalhos

A construção da colcha de retalhos foi uma atividade que possibilitou aos idosos expressarem suas memórias (ou seja, suas experiências vividas e seus sonhos) através da pintura. Durante o desenvolvimento dessa atividade, foi percebido certo receio dos alunos em registrar suas lembranças pessoais, pois remetiam às vezes a alguns momentos dolorosos. Isso os condicionou, a princípio, a uma tarefa difícil, mas que foi direcionada pela equipe e tornou-se prazerosa.

Etapa 3 – Participação no evento Ceilândia Integrando Ensino Pesquisa e Extensão

Exposição das atividades realizadas no decorrer do projeto. Mostra de fotos, música, materiais realizados pelos estudantes e cortejo com o coral da terceira idade.

Resultados alcançados

- Integração entre alunos da licenciatura e do projeto de formação inicial e continuada;
- Desenvolvimento e sistematização de atividades vivenciais;
- Adaptação de matérias para a realização das atividades;

- Integração entre os componentes curriculares de prática de ensino, fundamentos da educação e educação inclusiva;
- Desenvolvimento da leitura por meio da metodologia da Tertúlia Literária Dialógica;
- Resgate de memórias por meio da metodologia participativa utilizada nas oficinas;
- Exposição das atividades no III CEINEP – Ceilândia Integrando Ensino Pesquisa e Extensão.

Referências

ANDRADE, Ana Paula Santiago Seixas. **Formação em Tertúlia Literária Dialógica e meditação: diálogo igualitário e autoconhecimento**. Brasília-DF: IFB, 2017.

CODEPLAN. **Perfil dos idosos no Distrito Federal**. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/perfil-dos-idosos-no-distrito-federal/>>. Acesso em: 16 abril 2019.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2. ed. São Paulo: Cortez. Brasília- DF: MEC/UNESCO, 2003.

IBGE. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=3326&t=sis-2016-67-7-idosos-ocupados-comecaram-trabalhar-14-anos&view=noticiaacessoem16/04/2019>>.

IDENTIFICAÇÃO

Título da atividade/projeto: Cesta de Projetos:
Colocando diversos conteúdos na mesma sexta

Linha temática: Integração entre componentes curriculares na perspectiva de uma educação profissional articulada com o mundo do trabalho.

Instituição(ões) envolvida(s): Instituto Federal de Brasília/Campus Ceilândia.

Proponente ou proponentes: Ricardo Dantas Dematte

Servidor ou servidores: Fábio de Paula Santos, Ricardo Zani, Felipe Miranda, Gustavo Prado Oliveira.

Discentes: Ana Júlia Piazzentin Toquero, Andressa Bordin, Ingrid Hayuni Campos de Moraes.

Cesta de Projetos: Colocando diversos conteúdos na mesma sexta

Introdução

Através de uma análise empírica, um grupo de professores percebeu que, nas aulas de sextas-feiras, o rendimento dos alunos do Curso Técnico de Informática Integrado ao Ensino Médio era afetado pelo cansaço acumulado durante a semana, sendo perceptível o impacto no desenvolvimento do processo educacional. A percepção desses professores foi de que as aulas conteudistas e a limitação do processo criativo dos alunos nas salas de aula – copiar o conteúdo da lousa ou dos slides, por exemplo – apenas agravaria o desânimo resultante do cansaço dessa rotina semanal. Para melhorar os ânimos e, conseqüentemente, o clima das aulas, foi feito o seguinte questionamento: “o que nossos alunos gostam de fazer?”. Para essa pergunta, esse grupo de professores chegou à seguinte hipótese: “Nossos alunos gostam de estar juntos!”.

Para pôr essa hipótese à prova, um grupo composto por quatro professores (sendo três de Computação e um de Arte, além de um observador externo) passou a juntar todos os 120 alunos dos três anos do Curso Técnico de Informática Integrado de Ensino Médio para que todos trabalhassem no desenvolvimento de seus próprios projetos às sextas-feiras; todos juntos e misturados, todos numa mesma cesta (“de projetos”).

O desafio proposto para as equipes, formadas obrigatoriamente por alunos do 1º, 2º e 3º ano, era elaborar um website de apoio aos vestibulandos nas diversas disciplinas cobradas nos principais vestibulares das universidades brasileiras. Os alunos, porém, deveriam obrigatoriamente relacionar temas de Arte ao conteúdo de seus websites, o que instigou, dessa forma, a criatividade e o conhecimento técnico.

Esse projeto, centrado no aluno e não em conteúdos, foi desenvolvido durante o ano letivo de 2018, culminando com a apresentação de onze websites durante a feira de ciências promovida pelo Campus. Esse projeto, além de permitir que o conteúdo de Arte fosse explorado de forma aprofundada por cada equipe,

foi centrado nos conteúdos de programação web, na metodologia do trabalho científico e também na gestão e nos métodos ágeis de projetos. Também é importante ressaltar outras habilidades exploradas, tais como: o trabalho colaborativo em equipe para a resolução de problemas; e também a capacidade de contar boas histórias (storytelling).

Essas habilidades tornaram-se imperiosas no mundo do trabalho. A escolha da disciplina de Arte no desenvolvimento do projeto tinha como objetivo propiciar uma interação entre o campo das ideias e o campo da prática. Partindo do desenvolvimento de uma visão global do mundo e das artes, o foco estava na formação de um indivíduo pleno e consciente, capaz de desenvolver valores éticos, humanísticos e estéticos, permitindo aos alunos conhecer a interculturalidade na arte como um diálogo dinâmico e uma relação de interpenetração cultural entre diferentes grupos, além da identidade de povos diversos, suas sociedades e suas culturas. A disciplina ainda possibilitou conhecer os grupos étnicos e as suas diversidades culturais e artísticas como fundamentais para a compreensão da cultura brasileira: discutiu-se a herança cultural e as ascendências indígenas, africanas e europeias em suas materialidades, musicalidades e corporalidades.

Desenvolvimento

Como podemos reconhecer na proposta curricular que orienta a Educação Profissional contemporânea, há uma clara finalidade em vincular os futuros profissionais à realidade social a partir da construção de um diálogo com os diversos campos que compõem a vida social em nossa atualidade. Pelo texto da lei, compreende-se o desenvolvimento profissional em uma perspectiva globalizante, o que significa referendar uma formação voltada à interação dos futuros profissionais com os elementos culturais, sociais e científicos que transversalizam as atividades produtivas, em oposição, portanto, a uma formação meramente técnica, despregada do conjunto das práticas sociais, nas quais as relações econômicas se organizariam.

Visando colocar em prática os ensinamentos passados aos alunos, o planejamento e a execução da Cesta de Projetos seguiu os conceitos das Metodologias Ágeis (COLLIER, 2012) de desenvolvimento. Segundo Sommerville (2011), ao contrário das abordagens tradicionais de gestão de projetos, as novas funcionalidades não são planejadas com antecedência, sendo decididas dinamicamente durante o desenvolvimento. Nesse contexto, o planejamento das atividades que os alunos realizariam era decidido com uma semana de antecedência, levando em consideração toda a avaliação da equipe de professores sobre o que já havia sido executado e sobre o que seria alcançável dentro desse prazo. Ao final de cada encontro com os alunos, eram realizadas reuniões de planejamento com todos os professores, avaliando o dia de trabalho e decidindo as tarefas de cada docente para a semana seguinte. Preparar uma aula sobre algum tópico específico que sanaria uma dificuldade encontrada pela maioria dos alunos, acompanhar mais de perto uma determinada equipe, convidar um palestrante, ou preparar uma atividade externa ou motivacional são exemplos de atividades que poderiam recair sobre um dos professores para ser realizada antes ou durante o próximo encontro. O desenvolvimento de aulas a quatro (ou mais!) mãos apresentou um conteúdo mais significativo

ao aluno, além de torná-lo mais dinâmico. Cabe ressaltar ainda que o planejamento da aula da sexta-feira seguinte começava na sexta-feira anterior e se estendia por toda a semana em reuniões virtuais e em stand up meetings realizadas no canto do “cafezinho” da sala dos professores. As reuniões informais e rápidas foram documentadas através de atas virtuais. Outra prática de documentação do projeto foi a elaboração de um website dos professores, local onde as práticas eram relacionadas no formato de blog. Nas primeiras reuniões de planejamento, foram definidos os papéis dos professores e alunos:

1. O professor de Artes e um professor de informática atuariam como os POs, Product Owners, ou donos do produto, responsáveis por alimentar o projeto com seus requisitos e garantir a qualidade do website.
2. Os outros dois professores fariam o papel de mentores das equipes, cumprindo o papel de facilitadores.
3. Os alunos montariam uma startup (uma pequena empresa de tecnologia).
4. Com os papéis definidos, foi elaborada a espinha dorsal do projeto.
5. A montagem das equipes ocorreu na forma de criação de startups e contratação de “funcionários”.
6. A startup foi fundada por 2 scrum masters (alunos do terceiro ano), que deveriam contratar dois desenvolvedores de websites (alunos do segundo ano) e dois pesquisadores (alunos do primeiro ano).
7. Os scrum masters fizeram um pitch (apresentação ágil) para divulgar a sua “startup” e apresentar o perfil de “funcionário” desejado.
8. Os “desenvolvedores” (alunos do segundo ano) e “pesquisadores” (alunos do primeiro ano) passaram por uma oficina de desenvolvimento de currículos e, após assistir ao pitch das empresas, foram bater na “porta” de cada empresa, onde deixaram o seu currículo e aguardaram uma entrevista. As equipes foram formadas, assim, nas primeiras semanas. Para ilustrar esse processo, convidamos profissionais de recursos humanos de uma grande empresa de tecnologia da região para discutir com os alunos sobre a carreira e a vida corporativa.
9. A próxima oficina foi voltada para os líderes de projeto, ou scrum masters. Nessa oficina, foi apresentada a metodologia de desenvolvimento ágil de software, chamada Scrum, que seria utilizada no projeto. Os scrum masters seriam os responsáveis por repassar a metodologia aos demais integrantes de sua equipe e também por acompanhar as tarefas.
10. Toda a equipe pesquisou sobre os temas de sua área e sobre os tópicos que seriam interessantes para compor o website (questões, vídeos, textos, imagens etc.).
11. Com o conhecimento da gestão de projeto, a mentoria dos professores e o uso de uma ferramenta de gestão de projetos, as equipes recebiam o conteúdo de Arte e de sua

disciplina propedêutica (Química, Física, Geografia, Questões Raciais etc.) como requisitos de projeto.

12. Os requisitos foram transformados em Cartões de Estória, colocados em um Backlog virtual.
13. Em conjunto com os mentores, algumas histórias foram selecionadas para fazer parte do Sprint, quando eram divididas em tarefas, delegadas de forma colaborativa entre os desenvolvedores e os pesquisadores.
14. Com as tarefas em mãos, as equipes partiam para a biblioteca e para os laboratórios, onde essas atividades eram realizadas.
15. Ao final de cada Sprint, os projetos eram apresentados aos “clientes”, ou PO, em uma cerimônia do Scrum chamada de Reunião de Revisão. Todas as startups participavam ao mesmo tempo dessa reunião.
16. Na sequência, as startups se reuniam com seus mentores para avaliar o que o PO havia comentado sobre o projeto; novas melhorias ou novos requisitos eram incorporados. Um novo Sprint era iniciado. Ao todo, foram necessários cinco sprints para a conclusão dos websites.

As atividades descritas acima foram desenvolvidas pelas disciplinas vigentes na matriz curricular. Isso foi possível devido à grande flexibilidade das disciplinas de Projetos e Projetos Integradores, que estão distribuídas nos três anos e que ficaram centralizadas nas sextas-feiras.

Cabe ressaltar que a metodologia ágil permite uma grande autonomia, e essa autonomia pôde ser verificada quando as próprias startups definiram o seu próprio volume de trabalho e a divisão das atividades, o que tornou a “mochila mais leve”. Além de tornar a carga menor, a outra premissa (tornar o ambiente de estudo mais amigável) também foi alcançada através da flexibilização do espaço: as equipes escolhiam seu ambiente de trabalho (pátio, laboratórios, sala etc.); porém, tinham um momento definido com seu mentor para verificação das atividades.

O objetivo era tornar o aprendizado centrado no aluno. Sendo assim, foi pensado um modelo de mentoria dentro dessa startup. Os alunos do 3º ano, por já conhecerem o conteúdo de Artes e também a linguagem de programação de computadores solicitada, fariam a mentoria para os alunos do 2º ano, que, por sua vez, repassariam o conhecimento de Artes e de pesquisa científica para os alunos do 1º ano.

Também verificou-se a necessidade de visitas técnicas externas para motivar e dar ainda mais significado ao projeto. Durante o semestre, os alunos foram visitar uma grande empresa de desenvolvimento de software, onde puderam verificar a aplicabilidade do conhecimento adquirido no projeto (muitos foram pela primeira vez). Os alunos também fizeram uma visita guiada pelo professor de Artes ao Museu de Artes de São Paulo/MASP, momento em que o estudo do meio foi utilizado como método de investigação

interdisciplinar, tendo por objetivo propor um contato direto ou a imersão dos estudantes em determinada realidade a ser estudada no campo das artes, a saber: etnias e diversidades culturais, credos religiosos.

Avaliação

A avaliação dos alunos ocorria ao final de cada Sprint durante a Reunião de Revisão. Esta cerimônia do Scrum permitia que o Product Owner, representado pelo professor de Artes e outro docente, pudessem acompanhar o andamento de cada projeto. Uma banca foi montada a cada Sprint e todos os alunos assistiam a avaliação de cada grupo. Em seguida, o mentor de cada grupo conversava de forma privada, onde todos podiam “lavar a roupa suja” e replanejar as ações para o próximo Sprint.

Um aspecto interessante que ocorreu durante o projeto em relação à avaliação foi a autoavaliação por parte dos alunos. As próprias startups detectavam os integrantes que não participavam ativamente do projeto, sinalizando aos mentores para que fossem chamados para conversas individuais: ao final do primeiro semestre foi necessário criar um novo grupo com alunos que foram “demitidos” das startups. No entanto, os professores tiveram a sensibilidade de detectar que a insatisfação destes estava em não se sentirem pertencentes ao tema. Bastou trocar o tema e todos se viram motivados numa nova startup e projeto.

O ponto positivo do projeto foi motivar o trabalho em grupo e de forma multidisciplinar. Isto vale tanto para os alunos (desenvolveram diversas competências que jamais usariam em práticas centradas no conteúdo) como para os docentes. Nos Institutos Federais é prática recorrente agendamentos periódicos de reuniões pedagógicas em que a pedagogia é o que menos se discute, focando as conversas em questões burocráticas. Durante as reuniões de planejamento da Cesta de Projetos o que mais discutíamos era se aquela prática mostrou-se centrada no aluno (MOREIRA e RIBEIRO, 2016), se ela efetivamente funcionou para o aprendizado do aluno e se uma prática educativa que o professor desenvolveu para aprofundar os conteúdos deu certo ou errado. Além desta mentoria entre os próprios professores que executavam o projeto no IFSP-Salto (CASTRO e MAHLAMAKI-KULTANEN, 2019), também se pode contar com a mentoria externa do Prof. Gustavo P. Oliveira, do Instituto Federal do Triângulo Mineiro, que se mostrou de grande valia para a correção de atividades e para a troca de experiências através de sua visão externa.

Como ponto negativo, pode-se apontar que os Institutos Federais não estão prontos para projetos criativos e ágeis. Devido ao uso do Planejamento Ágil, tivemos muitos problemas em relação à gestão burocrática da Instituição. Como avisar com dias (ou até meses) de antecedência que usaríamos um determinado recurso se planejávamos que ele seria alocado (e que seria importante para o reforço de aprendizagem) para o dia seguinte, durante uma reunião virtual no dia anterior? O planejamento era discutido e (quase sempre) alterado durante as stand up meetings (SUTTERLAND, 2016), realizadas trinta minutos antes das aulas. Portanto, acreditamos ser necessária uma revisão (ou extinção) de certas práticas

burocráticas da Instituição, de forma a contemplar as mudanças das práticas educativas que se tornam urgentes. Mesmo assim, o êxito da Cesta de Projeto mostra que é possível repensar as regras burocráticas vigentes de forma a contemplar projetos criativos, desde que também haja confiança e boa vontade da equipe de gestão da Instituição.

Resultados alcançados

Ancorados pela Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, os alunos conheciam, apreciavam e vivenciavam a Arte a partir da leitura, da criação e da contextualização dos assuntos específicos relacionados a cada projeto, articulando a percepção, a imaginação, a expressão e a reflexão dentro dos diversos campos do saber em arte. Quando se fala no processo de ensino-aprendizagem, faz-se necessário lançar mão de estratégias diferenciadas que visem à construção do conhecimento com o apoio de novas tecnologias. Entre as estratégias de ensino que eram utilizadas no projeto, uma das propostas foi desafiar os alunos à interação, além, claro, da proposta de ensino por projetos, tendo como objetivo promover a integração entre os conteúdos trabalhados em sala de aula com a realidade do mercado, promovendo a interdisciplinaridade. Algumas dessas práticas permitiram a construção do conhecimento a partir de um contexto que levasse em conta vários aprendizados: o pertencimento cultural, o relacionamento com outros indivíduos e a mediação entre os pares.

Como resultados obtidos, destacamos:

1. Criação de 11 websites voltados para vestibulandos nos temas de Química, Física, Geografia, História, Literatura, além da discussão das questões raciais (tema de interesse de um grupo e estimulado pelos professores). Todos conectaram os conteúdos com a disciplina de Arte.
2. Apresentação de 11 banners na feira de ciência da Instituição, utilizando a Metodologia de Pesquisa Científica.
3. Criação de um website para documentar as práticas e as observações dos docentes.
4. 4 bolsas de iniciação científica do edital 318 da Pró-reitoria de Ensino do IFSP voltadas para projetos inovadores.
5. O despertar, nos alunos, para a motivação e a autonomia de investigação e pesquisa, tornando-o capaz de:
 - a. questionar e experimentar;
 - b. apreciar e emitir juízo de valor a respeito dos bens artísticos de distintos povos e culturas criados ao longo da história e na contemporaneidade;
 - c. construir alianças entre a teoria e a prática, a reflexão e a vivência;

- d. articular a percepção, a imaginação, a expressão e a reflexão dentro dos diversos campos da arte;

Somente pelos itens acima, a Cesta de Projeto já poderia ter sido considerada exitosa; porém, talvez o mais importante tenha sido a contribuição na formação dos docentes: nunca, apesar de anos de reuniões pedagógicas semanais, houve uma troca de saberes e contribuições tão intensa e tão importante para a formação dos professores participantes do planejamento e desenvolvimento desse projeto, sem contar a troca de experiências entre os Institutos Federais de Educação de São Paulo e do Triângulo Mineiro.

Cada vez mais somos levados a compreender que a educação não deve se restringir aos livros e às salas de aula, e sim ser vista como uma compreensão mais ampla das relações humanas, já que o indivíduo interpreta o mundo e é interpretado por este (MAGALHÃES, 2007, p. 46). Tal relação depende diretamente das pressuposições próprias do seu mundo individual, de sua tradição histórico-cultural, dos instrumentos metodológicos que ele utiliza para observar e, ainda, de sua imaginação produtiva. O desenvolvimento do projeto possibilitou aos alunos uma aprendizagem significativa para sua própria formação como educando. O objetivo foi proporcionar a interdisciplinaridade e estimular a auto aprendizagem através de uma relação conceitual entre o conhecimento das linguagens artísticas, a produção de websites e a conscientização sobre a importância da arte na formação cultural, política e social da humanidade.

É fato que o processo pedagógico precisa estar em sintonia com o tipo de sociedade que se quer produzir, promovendo o desenvolvimento profissional em uma perspectiva globalizante, o que significa referendar uma formação voltada à interação dos futuros profissionais com os elementos culturais, sociais e científicos que transversalizam as atividades produtivas e a atualidade histórica, opondo-se, portanto, a uma formação meramente técnica, despregada do conjunto das práticas sociais, local onde as relações econômicas se organizariam, permitindo, simultaneamente, desenvolver competências cognitivas, como a da compreensão; e competências sociais, como as do debate e da discussão.

Assim entrou a disciplina de Arte. Mesmo sendo uma disciplina de extrema importância, ainda hoje as aulas de Arte não são vistas desse modo pela sociedade. Foi em defesa de um ensino de Arte de qualidade nas escolas que inúmeros argumentos já foram reunidos, quase todos alheios, porém, ao processo que compreende a atividade artística, seus produtos, suas ações e suas reflexões (BARBOSA, 2007).

A disciplina de Arte permite a interação entre o campo das ideias e dos materiais por meio de instrumentos e procedimentos teórico-técnicos variados, desenvolvendo uma visão global do mundo e das artes que possibilite a formação de indivíduos plenos e conscientes, proporcionando uma reflexão sensível e necessária para a compreensão de como reagimos diante dos acontecimentos da vida e de como nos expressamos. Estudar arte é conhecer diferentes linguagens e compreender como construímos conhecimentos por meio de sons, gestos, movimentos e imagens, aprendendo a entender as naturezas poéticas e estéticas da humanidade em diversos tempos e lugares, e reconhecendo as várias formas de

expressões artísticas. Por fim, mergulhar no universo da arte prepara os alunos para o mundo do trabalho e para as relações socioculturais, além de usar seus conceitos na construção e compreensão de conhecimentos de outras áreas e de suas competências.

Rubega (2018, p. 08) crê que, numa avaliação formativa, é sempre “[...] possível fazer ajustes, remanejar no meio do trajeto, em função das atitudes e comportamentos dos alunos que manifestam seu interesse, sua compreensão, mas também suas resistências ou suas dificuldades para seguir o ritmo ou assimilar o conteúdo”. A educação é um constante movimento de busca que nos leva à capacidade de aprender, não só como uma forma de adaptação, mas também para transformar a realidade em nosso entorno por meio de intervenções e recriações.

Atualmente nos deparamos com novos desafios educacionais; entre eles, o de estabelecermos condições mais adequadas para atender a diversidade dos indivíduos com os quais convivemos. Se cremos numa postura mais contemporânea em nossa atuação docente, devemos assumir, compreender e respeitar a diversidade como requisito fundamental para nos orientarmos diante das transformações de uma sociedade tradicionalmente pautada pela exclusão, renovando toda a estrutura educacional e deixando para trás o ensino tradicional.

Referências

CASTRO, J. P.; MAHLAMAKI-KULTANEN, S. Peer group mentoring for teacher development at brazilian vocational education institute. In: **Vertaisarvioitu Kollegialt Granskad Peer-Reviewed**, 2019.

BARBOSA, A. M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2007.

COLLIER, K. **Agile analytics: a value-driven approach to business intelligence and data warehousing**. Boston: Pearson, 2012.

MAGALHÃES, C. M. **Os programas infantis da TV: teoria e prática para entender a televisão feita para crianças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOREIRA, J. R., RIBEIRO, J. R. **Prática pedagógica baseada em metodologia ativa: aprendizagem sob a perspectiva do letramento informacional para o ensino na educação profissional**. Outras palavras, v. 12, n. 2, p. 93. Centro Universitário Projeção, 2016.

RUBEGA, C. C. C. “Avaliação do processo de ensino e aprendizagem –aspectos práticos”. **Formação Pedagógica para Educação Profissional de Nível Médio, Disciplina 6: Gestão da sala de aula e organização do trabalho pedagógico**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2018.

SOMMERVILLE, I. **Engenharia de software**. 9. ed. São Paulo: Pearson, 2011.

SUTTERLAND, J. **Scrum: a arte de fazer o dobro do trabalho na metade do tempo**. São Paulo: Leya, 2016

IDENTIFICAÇÃO

Título da atividade/projeto: Trilha IFB 10 Anos.

Linha temática: Integração de sucesso entre a Escola e outros setores da sociedade (empresas, instituições, ongs, associações) numa proposta de extensão tecnológica ou pesquisa aplicada.

Instituição(ões) envolvida(s): Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB).

Proponente ou proponentes: Ana Cristina Moreira dos Santos, Ítalo Rios Cary

Servidor ou servidores: Alexandre de Souza Garcia, Renata Monteiro Soares, Douglas Santos Silva Vilaça, Sheyla Villar Fredenhagen, Bruno Soares Maciel, Alessandra do Carmo Fonseca, Adriana do Socorro Tavares Silva, Jaspion Leone Rocha, Patrícia Dias Tavares Leandro Galzerano, Leonardo Moreira Leodido, Adriano Sergio Bezerra de Oliveira, Rodrigo Maia Dias Ledo, Cleide Lemes da Silva Cruz, Junio César Batista de Souza, Angela Beatriz Souza Bertazzo, Erika Barretto Fernandes Cruvinel, Tatiane Alves de Melo, Vanêssa de Sousa Silva Silveira, Rejane Maria de Araujo Vago, Tereza Bernardette Salles Ramos, Jefferson Sampaio de Moura, Ubiratan Pereira de Resende, Cristina Porto Costa, Pablo Diniz Batista, Cristiano de Castro Burgos, Catarina Doolan Fernandes, Sílvia de Araújo Aranha, Girlane Maria Ferreira Florindo, Giovanna Megumi Ishida Tedesco, Sandra Maria Branchine.

Discentes: Joanna Thaise Rabelo de Aquino, Letícia Dias Cruz, Gracieli Viardi Pelle Rini, Katherine Milagros Renteria Castro, Letícia Melo Dias, David William Alves Barbosa, Cleide Paulino Santana, Cássia Denise Silva dos Santos, Rauena da Silva Carvalho, Patricia Bárbara Sousa Da Silva, Viviane de Sousa Batista, Maria Taína dos Santos Melo, Uriel Nilo Ribeiro Sousa, Thiago Gonçalves de Souza.

Além de servidores e estudantes, o projeto contou com voluntários, profissionais bolsistas (Educação a Distância) e terceirizados (Intérorrete de Libras) do IFB.

Trilha IFB 10 Anos

Introdução

Um dos desafios contínuos do Instituto Federal de Brasília (IFB) é ser conhecido pela sua própria comunidade e pela sociedade em que está inserido (Distrito Federal).

Aproveitando as reflexões sobre os avanços alcançados nesses 10 anos e a organização da 3ª edição do ConectaIF (Encontro de Educação Profissional e Tecnológica), o projeto “Trilha IFB” (ou Labirinto) foi institucionalizado junto a Pró-reitoria de Extensão e Cultura. Aprovado em primeiro lugar na Mostra Cultural e Artística (Edital 06/2018), o projeto teve como objetivos promover a integração da comunidade interna (estudantes e servidores) com a comunidade externa (possíveis futuros alunos); valorizar a trajetória de 10 anos do IFB com a narrativa histórica de cada campus e com o que cada um oferece; divulgar as atividades de todas as Unidades do IFB; e promover inclusão através de elementos sensoriais que representem os cursos.

O projeto “Trilha IFB” foi apelidado de “Labirinto” com base na ideia grega de trilhar muitos caminhos para se conhecer e ser mais feliz com as próprias escolhas.

O planejamento da Trilha IFB teve início em maio com a mobilização de equipes e a organização da infraestrutura. A realização (exposição) aconteceu de 06 a 10 de agosto de 2018, durante o ConectaIF, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães.

Essa mostra unificada do que é o IFB teve público estimado de 4 mil pessoas e envolveu diretamente, em sua execução, mais de 80 pessoas (pesquisa, planejamento, criação, produção, montagem, monitorias e coordenações) de todas as Unidades.

A exposição ocupou 330 metros quadrados. Do lado de fora, painéis trouxeram dados históricos com datas, números atuais e imagens interativas. Dentro, como que percorrendo as letras da sigla “IFB”, o público pôde visitar 15 diferentes espaços: 10 campi, uma mostra de instrumentos educacionais inclusivos, uma sala de projeção de vídeos (também inclusivos, com depoimentos de estudantes e egressos), uma exposição fotográfica (fruto de um concurso específico sobre o tema) e uma cabine interativa de imagens, proporcionada por uma instituição parceira, o Conif – Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

A exposição foi organizada em ordem cronológica de criação dos campi do IFB. Cada unidade teve autonomia para representar seu espaço. O conjunto dos 10 campi que integram o IFB podia ser visto de cima (as letras IFB, unidas, formavam os corredores).

Percorrendo a exposição, o público encontrou elementos do eixo Ensino, Pesquisa e Extensão dos mais de 40 cursos ofertados no Instituto.

Desenvolvimento

A ideia surgiu do diálogo entre dois profissionais de Comunicação Social do IFB, a jornalista Ana Cristina Moreira dos Santos e o programador visual Ítalo Rios Cary, que consideraram a possibilidade de aproveitar o ConectalF — evento institucional que reúne mais de 70 mil pessoas — para proporcionar ao público uma visita simultânea aos 10 campi do IFB, conhecendo seus cursos, pesquisas e projetos de extensão.

Compartilhada com os demais colegas do setor, a proposta foi aprimorada e transformada em um projeto, que teve apoio da diretora de Comunicação, Sandra Branchine.

Pesquisa

Para escrever o projeto, foram levantados vários dados sobre o IFB, como documentos de autorização de funcionamento pelo Ministério da Educação (MEC) de cada campi, criação dos cursos, ampliação gradual das ofertas, grupos de pesquisas e trabalhos de extensão, além dos números de estudantes e servidores de cada unidade.

Outra frente de pesquisa foi identificar e contatar os estudantes e egressos de todos os campi que estavam dispostos a compartilhar experiências bem-sucedidas sobre os conhecimentos adquiridos no IFB e no mundo do trabalho.

Interação

Com o propósito de expor “para” (interno) e “sobre” (externo) o IFB, foram pensadas metodologias de envolvimento dos servidores e estudantes de todas as unidades.

A ideia foi apresentada aos gestores (diretores-gerais dos campi e pró-reitores) e, após aprovação, cada campus apresentou dois nomes para compor a comissão geral de curadores da exposição; estudantes

e egressos também foram convidados para contribuir com a criação dos espaços.

Os servidores indicados (professores e técnicos) participaram de duas reuniões presenciais e de outras quatro virtuais para a construção de memoriais descritivos de cada unidade.

Outro projeto de finalidade semelhante foi acrescido. Para estimular “o pertencimento” à instituição, foi lançado o concurso fotográfico “IFB dez anos: meu olhar, meu campus, nosso futuro”, que recebeu 131 fotos de 50 candidatos. Foram selecionadas 20 imagens para compor uma exposição dentro do espaço. Espaço IFB 10 Anos.

A arquitetura (física e das informações)

Para a exposição, foi pensada a junção de todos os campi em um único espaço. Considerando a distribuição acessível pelo espaço representativo dos 10 campi (pensando no ideal de serem 10 filhos de um só útero (IFB) e considerando que a instituição também é filha de uma Rede maior composta por 41 instituições e seus mais de 650 campi), foi imaginada uma estrutura física com 350 metros quadrados, com paredes de Octanorm e recoberta com panos (depois substituídos por telas por conta do calor). A estrutura foi distribuída de forma que, vista de cima (vista aérea pelo piso superior do pavilhão do Centro de Convenções), fossem visualizadas as letras “IFB”.

A decisão da ordem de visitas pelos campi foi cronológica (data de autorização de funcionamento de acordo com o MEC). Cada espaço foi identificado com uma placa, que situava o visitante sobre o campus visitado, incluindo informações como cursos oferecidos (técnicos e superiores) e o número de alunos de cada um deles.

A estrutura básica das paredes da exposição foi incluída no projeto maior de realização do ConectaIF. O detalhamento da montagem de cada espaço (forros e materiais de suporte para as exposições) foi providenciado após o levantamento das necessidades dos campi, e o orçamento adveio do Apoio à Mostra de Arte e Cultura – Edital 02/2018/RIFB.

Acessibilidade

A Coordenação de Políticas Inclusivas da Pró-reitoria de Extensão auxiliou este projeto ao mobilizar os Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas — NAPNEs dos campi, que orientaram os organizadores sobre a acessibilidade estrutural (largura dos corredores, por exemplo) e a montagem de uma exposição educativa com orientações sobre acessibilidade.

O setor também contribuiu com a mobilização de profissionais intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras), tanto na tradução de vídeos-depoimentos quanto no atendimento do público visitante, quando necessário.

Gestão

O apoio da gestão do IFB também possibilitou a parceria com o Conif (Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica), que contribuiu com a instalação de uma cabine fotográfica, possibilitando ao público sair da mostra com uma lembrança.

Execução

Por ordem de organização dos espaços, o público encontrava os seguintes cenários na exposição:

Na parte externa, três painéis encapavam as áreas da exposição: (1) havia uma mostra da trajetória ilustrada do IFB (linha do tempo), com 12 m de largura por 2,20 m de altura; (2) os números do ano; e (3) outro painel de 10 m por 2,20 m de altura contendo quatro alturas diferentes de asas para atender tanto crianças como adultos. A frase “Seja qual for sua vocação, o IFB lhe oferece asas para seus voos profissionais” ilustrava o último painel e era um convite para conhecer o que o Instituto oferecia.

Na parte externa, também foi montado um hall de entrada e um hall de saída. No primeiro, eram repassadas informações básicas sobre a mostra, além de ser feito o controle de entrada (grupos de até 10 pessoas para garantir acesso e segurança). Ao final da exposição, o visitante poderia levar para casa um cartão-postal da foto vencedora da exposição IFB 10 anos e panfletos para saber mais sobre a oferta de cursos de cada campus do Instituto.

Na parte interna, os campi usaram elementos que remetiam aos eixos tecnológicos e aos cursos oferecidos, com 20 metros quadrados cada um:

1. *Campus Planaltina*: a unidade mais antiga levou para o espaço a exposição fotográfica e de sons chamada “Do Micro ao Macro”, feita por estudantes e servidores que mostraram um pouco do universo da Escola-Fazenda;
2. *Campus Taguatinga*: apostou na interação, indo do colorido do vestuário à interação tecnológica com o público, por meio de uma máquina de automação, um computador exposto peça a peça (e funcionando) e outro equipamento de impressão 3D;
3. *Campus Brasília*: estimulou o emocional do público apresentando vídeos de projetos de Dança e Eventos num cenário que remetia a ícones da gestão pública (como arquivos documentais);
4. *Campus Samambaia*: trouxe o lúdico e a riqueza das madeiras à criação de móveis, materiais e maquetes de edificações e vários projetos de Controle Ambiental;
5. *Campus Gama*: levou uma instalação com projetos das áreas de Alimentos e objetos de seus laboratórios de Química;
6. *Campus Riacho Fundo*: encenou ambientes de Hospitalidade, Lazer e Gastronomia, com manequins, mesas ornamentadas e potes de temperos;

7. *Campus São Sebastião*: levou arte e muita beleza com elementos que sensibilizaram os presentes ao remeter aos seus cursos de Pedagogia e Secretarias e às questões ambientais de seu Núcleo Agroecológico;
8. *Campus Estrutural*: apresentou um boneco feito de sucata, abordando as áreas de reciclagem, matemática e manutenção automotiva;
9. *Campus Ceilândia*: fez um campo de robótica, fazendo alusão a seus cursos, como o de licenciatura em Espanhol e o de Segurança do Trabalho;
10. *Campus Recanto das Emas*: levou uma interação de luz e imagens em referência ao curso de Produção de Áudio e Vídeo;
11. Espaço Inclusivo: foi destinado um espaço de 24 metros quadrados para os Napnes, onde foram expostos equipamentos como impressora em braile, cadeira de roda motorizada, kit de lupas para deficientes visuais, dicionário enciclopédico ilustrado trilingue, mouses adaptáveis, piso tátil e outros;
12. Espaço Casos de Sucesso: uma sala de vídeo foi instalada para que o público pudesse assistir confortavelmente a 13 vídeos com depoimentos de estudantes e egressos do IFB que se destacaram com a inserção no mundo do trabalho como empreendedores de suas carreiras.
13. Exposição fotográfica "IFB 10 Anos: meu olhar, meu campus, nosso futuro": continha imagens de estudantes e servidores que integraram o concurso fotográfico;
14. Cabine fotográfica de produção instantânea.

Capacitação

Foram capacitados 23 voluntários (15 gerais e 8 inclusivos) para orientar a exposição.

A maioria da equipe era de jovens e estudantes do curso de Eventos do IFB.

Finalização

A mostra gerou um público estimado de 4 mil pessoas. Muitos eram grupos de estudantes do ensino fundamental do Governo do Distrito Federal (GDF) — público potencial de ingressos para os institutos. No livro de presença da exposição fotográfica, foram registrados mais de 2.800 nomes.

Foi feito um relatório do evento para a Pró-reitoria de Extensão, que emitiu certificados para aqueles que se envolveram diretamente na realização do projeto.

Avaliação

Devido a uma pausa temporal de recesso acadêmico no meio do ano, o projeto “Trilha IFB” teve muitos desafios, como alterações de algumas equipes dos campi entre a etapa de planejamento (primeiro semestre) e execução (início do segundo semestre), sendo resolvidos com várias reuniões presenciais e virtuais. Esses momentos serviram para o crescimento dos envolvidos, graças ao intercâmbio de sugestões e experiências. Mesmo com a diversidade de realidades dos campi, todos tinham o mesmo ideal de representação do IFB. Esses desafios foram solucionados com planejamento e diálogos.

O resultado foi totalmente satisfatório, sendo avaliado como uma prática exitosa pelos envolvidos considerando critérios como objetivos atendidos e metas alcançadas. Três pontos que justificam essa avaliação:

Interação entre públicos – Envolveu técnicos, docentes e comunidade na execução e na realização;

Interdisciplinidade – O projeto abordou simultaneamente todos os eixos tecnológicos do IFB;

Integração – Foi uma ação educativa, de pesquisa e também de extensão (ofertada para a comunidade)

Resultados alcançados

Em números: O projeto reuniu 15 diferentes exposições (uma externa e 14 internas) em um só espaço. Além disso, envolveu diretamente mais de 80 pessoas, teve um público estimado de 4 mil pessoas, gerou 13 vídeos-depoimentos (posteriormente disponibilizados pelo canal TV IFB), promoveu um concurso fotográfico com mais de 130 imagens (banco de imagens da instituição), registrou mais de 250 fotografias e 40 vídeos no Flickr do IFB (memória), e foi responsável por mais de 1.300 lembranças levadas da mostra (fotos registradas na cabine do Conif), 5 mil cartões-postais (da foto vencedora do concurso ortográfico) e 10 mil folders distribuídos (1.000 para cada campus), principalmente para potenciais estudantes.

O projeto, a curto prazo:

- Integrou os 10 campi e a Reitoria do IFB em um projeto único, estimulando a produção artística dos campi na representação de seus eixos;
- Valorizou a história da instituição;
- Valorizou estudantes e egressos;
- Divulgou a oferta dos eixos tecnológicos (intercampi e comunidade externa — alunos em potencial);
- Serviu como prática educacional para estudantes envolvidos no projeto (concepção, coordenação, edição e monitoria);
- Estimulou a divulgação do IFB através de milhares de imagens registradas nos painéis externos

(asas acessíveis) e interno (cabine dos 10 anos da Rede).

A médio prazo:

- Os dados estimularam a atualização do endereço eletrônico do IFB e a organização de uma revista (Identidade IFB), lançada em dezembro do mesmo ano (aniversário de 10 anos do Instituto).

A longo prazo:

- Ingresso de novos estudantes.

Referências

Playlist dos vídeos-depoimentos: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wD5WGZuj7ig&list=PL_oCE450MW3RzZvj9orxMJ9k_LG5gpEQ>.

Álbum de registros da Exposição: Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/ifbrasil/albums/72157694449800420>>.

Revista Identidade IFB: Disponível em: <<http://www.voublisher.com/p/2017818-Revista-Identidade-IFB/>>.

IDENTIFICAÇÃO

Título da atividade/projeto: Projeto RailBee: 10 anos de ensino, pesquisa e extensão

Linha temática: Integração entre ensino, pesquisa e extensão.

Instituição(ões) envolvida(s): Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco.

Proponente ou Proponentes: Rômulo César Carvalho De Araújo.

Projeto RailBee: 10 anos de ensino, pesquisa e extensão

Introdução

Relatar uma experiência é um desafio que envolve memórias, conhecimentos produzidos, conhecimentos refletidos, conhecimentos contestados, frustrações, desistências, resiliências, resultados e novas metas. Pensar no percurso é entender que, até nesse momento, ele se faz presente, um gerúndio. São dez anos de dedicação ao saber, ao impacto social, às buscas inovadoras com os discentes, o que mostra a complexidade em sintetizar experiências passadas durante esses anos dedicados a fazer ensino, pesquisa e extensão. No entanto, isso faz parte da formação integral do homem devir, do homem da sociedade e para a sociedade, do homem que transforma e se transforma. Durante todo esse tempo de dedicação, O RailBee buscou uma integração no sentido social, interdisciplinar, sem a lógica da simples justaposição. Essa integração busca apreender para compreender e fazer ser. Para todo o percurso, não houve outra alternativa, como destaca Severino (2006):

É entendível que só se aprende ciência, praticando a ciência; só se pratica a ciência, praticando a pesquisa e só se pratica a pesquisa, trabalhando o conhecimento e só se pratica o conhecimento dialogando com a sociedade, refletindo sobre suas desigualdades, formas de reduzi-las.

Portanto, qualquer caminho que queira fugir dessa realidade do fazer pesquisa, terá como prejuízo maior a incapacidade de permitir ao aluno o acesso ao conhecimento através de uma construção investigativa,

participativa, coletiva e responsável. Quando se contextualiza esse pensamento em um espaço escolar, conforme Masetto (2003), a mudança está na transformação de um cenário do ensino em que o professor está no foco para um cenário de aprendizagem “em que o aprendiz (professor e aluno) ocupa o centro e em que professor e aluno se tornam parceiros e coparticipantes do mesmo processo.” (MASETTO, 2003, p. 23-24).

Tanto o professor como o aluno são partes constituintes. Quando a base da constituição é o ensino, a pesquisa e a extensão se tornam um desafio maior, porque se entende a transmissão, a aquisição e a relação teoria e prática como indissociáveis. O projeto RailBee foi gestado em 2008 e resultou da tese Sistema Telemétrico Dinâmico Sem Fio Aplicado aos Veículos Rodoferroviários em Malhas Metroferroviárias, defendida em 2009 na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O trabalho é produto da cooperação entre o Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), a Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) e a instituição onde a tese foi desenvolvida. Durante a pesquisa (e posteriormente), diversos pesquisadores e alunos estiveram e estão envolvidos na continuação e na ampliação técnica do projeto.

Atualmente, são quatro alunos do programa institucional de iniciação científica e dois alunos do programa institucional de extensão, todos do IFPE. No entanto, diversos outros alunos e participantes fizeram parte da trajetória do RailBee, o que resultou em dois trabalhos de mestrado e dois doutorados defendidos na UFPB. Portanto, indo contra qualquer entendimento e defesa de produção acadêmica isolada, a tese resultou das parcerias e das participações dos alunos na socialização do conhecimento, gerando outros trabalhos, o que justificou e justifica a continuação permanente da sua trajetória.

Desenvolvimento

Com dez anos de percurso formativo e trabalhos desenvolvidos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), e em parceria com a Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU)/Metrô do Recife (METROREC), o RailBee é reflexo de constantes avanços e da construção coletiva com discentes através da pesquisa e extensão. Os alunos abarcados pelo projeto vão além dos alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Técnico em Eletrônica e Telecomunicações e do Superior em Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, incluindo alunos do Programa Institucional para Concessão de Bolsas de Extensão (PIBEX) e alunos voluntários (alunos e estagiários egressos do IFPE). Durante esse tempo, foi desenvolvido (em constante parceria e com foco na inovação dos serviços públicos), um sistema que permitiu a melhoria na qualidade do transporte de passageiros de trens. A meta era desenvolver melhorias com redução de custo e acessibilidade. O trabalho sempre teve por objetivo apresentar experiências fundamentadas no diálogo com a sociedade, no aprendizado discente e na construção coletiva do conhecimento, buscando a sintetização da inovação embasada no ensino, na pesquisa e na extensão.

O RailBee é uma palavra oriunda da justaposição dos termos “Rail” (de *railway* – no português, ferrovia) e “Bee” (que advém de ZigBee, protocolo de comunicação de padrão internacional utilizado no sistema). Em síntese, o Sistema Telemétrico RailBee é um projeto de pesquisa aplicada e de extensão tecnológica financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC/MEC), através da Chamada CNPq-SETEC/MEC N ° 17/2014 – Apoio a Projetos Cooperativos de Pesquisa Aplicada e de Extensão Tecnológica, com o título RailBee: Monitoramento Estratégico de Trens Urbanos Baseado em Redes de Sensores Sem Fio e Sistemas Embarcados. O intuito do projeto era monitorar em tempo real as informações sobre o desempenho de veículos metroferroviários em vias permanentes, buscando a qualidade dos serviços de mobilidade urbana.

O sistema é composto por quatro subsistemas: Estações Móveis (EM), Estações Roteadores (ER), Estações Bases (EB) e uma Estação Central (EC). As estações móveis (EM) são eletrônicas embarcadas localizadas nas cabines dos trens. Cada EM tem suas entradas analógicas e digitais ligadas a diversos sensores de medição de grandezas. A arquitetura básica de uma EM é composta de um microcontrolador no nó final que recebe os sinais dos sensores, realizando o processamento dos dados e irradiando o sinal por frequência de rádio por meio de um transceptor de radiofrequência (RF). Os nós finais (EM) têm seus endereços de destinos configurados com o endereço do nó coordenador (EB) da rede. As estações roteadores (ER) são compostas por nós roteadores (ER) que recebem os sinais de dados enviados pelos nós finais (EM) e os retransmitem até alcançarem o nó coordenador (EB) da rede.

Nas EM instaladas nos trens da Linha Sul da CBTU/METROREC, estão sendo coletadas as medidas de cada grandeza, como velocidade real, pressão das bolsas de ar da suspensão do trem, estimativa de passageiros no interior do trem, corrente do motor de tração, aplicação dos freios, condição de cabine (frente ou ré) e indicação de porta (aberta ou fechada). As estações bases (EB) estão localizadas nas estações de passageiros da Linha Sul.

Elas são compostas de um nó coordenador que realiza a coordenação da rede e envia, via intranet, os dados para uma estação central. A estação central (EC) é composta de um sistema para recepção, armazenamento e visualização das variáveis obtidas que fica instalado no Centro de Controle Operacional (CCO) da CBTU/METROREC. Através da EC, é possível gerar relatórios em tempo real, além de também detectar momentos de picos de demanda de passageiros e imediatamente realizar o deslocamento de mais trens, caso necessário. Além disso, é possível disponibilizar informações sobre a velocidade real dos trens e sobre o nível de conforto dos usuários, permitindo aos passageiros maior sensação de bem-estar.

Com a disponibilização dos laboratórios do Departamento Acadêmico de Sistemas, Processos e Controles Eletroeletrônico do IFPE, Campus Recife, foi possível planejar, confeccionar e testar mais de 50 módulos das estações e instalá-los em toda Linha Sul da CBTU/METROREC, onde, atualmente, estão sendo

coletados e tratados os dados, a fim de gerar gráficos das variáveis obtidas de cada trem e consultar os dados armazenados num banco de dados, permitindo aos controladores, técnicos e engenheiros realizarem estudos e gerarem relatórios que ajudarão a tomar medidas preditivas, preventivas e corretivas.

Além disso, outras tecnologias e ferramentas foram estudadas e desenvolvidas durante o desenvolvimento do sistema. Uma delas foi o Brasilino, uma biblioteca para arduino que permite a sua programação em português do Brasil. Essa ferramenta educacional criada para auxiliar os alunos no processo de aprendizagem sobre arduino possibilitou apresentar o projeto em diversos eventos de tecnologia, como na Mostra Nacional Robótica 2016 da Olimpíada Brasileira de Robótica e na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2016 do IFPE.

Para capacitar os envolvidos no projeto, foram disponibilizados – em parceria com o Instituto de Propriedade Intelectual (INPI) e o IFPE – cursos sobre busca e depósito de patentes. O objetivo era mostrar e ensinar ao Grupo RailBee a importância da proteção legal dos inventos e todo a passo a passo que precisa ser feito para realizar o depósito de patente, o registro de software e o registro de marca.

As atividades atuais estão sendo desenvolvidas com foco na acessibilidade, ou seja, pensando e desenvolvendo modelos de acesso para um dos transportes públicos mais baratos, e entendendo a importância da inclusão. Isso tem sido realizado a partir da coleta de informações por meio de pesquisa de campo com os funcionários da CBTU/METROREC, a fim de produzir modelos de monitoramento mais acessíveis.

Avaliação

No contexto do RailBee como projeto de pesquisa e extensão, os alunos que participaram tiveram oportunidade de observar sua instalação na prática, dialogar com o professor sobre sua construção, além de permitir maior integração com o impacto social do projeto, tanto para o público geral quanto para os prioritários (com dificuldade de locomoção).

Conforme afirma Severino (2007), desse modo:

[a] extensão tem grande alcance pedagógico, levando o jovem estudante a vivenciar sua realidade social. É por meio dela que o sujeito/aprendiz irá formando sua nova consciência social. A extensão cria então um espaço de formação pedagógica, numa dimensão própria e insubstituível (SEVERINO, 2007, p. 32).

Além da participação ativa em todas as etapas, os alunos envolvidos no projeto tiveram a possibilidade

de apresentar os resultados parciais em diversos eventos, desenvolvendo assim suas habilidades de comunicação oral, organização e apresentação de trabalhos científicos. São exemplos de disponibilidade formativa nesses espaços: a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do IFPE 2016 e 2018, o XI Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação dos Institutos Federais (CONNEPI) na IV Mostra Tecnológica, o IV Encontro de Extensão do Instituto Federal de Pernambuco, o II Encontro de Tecnologia da Informação do IFPE, o XV Congresso Internacional de Tecnologia na Educação, os congressos de Iniciação Científica do IFPE, e o XII CONNEPI na V Mostra Tecnológica.

Além dos eventos citados, o trabalho teve ampla apresentação e reconhecimento na Semana Internacional de Engenharia Ferroviária e Metroviária e Engenharia de Transportes e Logísticas. O evento foi realizado em Joinville, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Durante os estudos e pesquisas realizadas, foram desenvolvidos artigos, patentes e registros de *software* referentes à tecnologia desenvolvida, além do registro da marca RailBee.

A trajetória do projeto RailBee mostrou sua capacidade inovadora de unir instituições, pesquisadores e alunos em busca de melhorias para a sociedade. É, dessa forma, um projeto em permanente melhoria para o transporte público, com foco na inovação através da pesquisa e da extensão. As dificuldades encontradas envolveram diversas questões, como a disponibilidade de material e a possibilidade de instalação em horários de menor movimento, o que foi superado com investimentos e participação coletiva.

O projeto trouxe resultados com reconhecimento nacional e permanece com sua capacidade de transformar os desafios iniciais em novos questionamentos, produtos e objetos de pesquisa. Entende-se, assim, que são os primeiros dez anos de outros mais que serão necessários diante os novos desafios de mobilidade humana em tempos de reestruturação social. O Railbee obedece, portanto, à sua finalidade de aceitar novos desafios, integrando os alunos que se iniciam na pesquisa e entendendo que elas são primordiais para esse diálogo com a sociedade.

Resultados alcançados

Através da organização sistematizada desse levantamento, os resultados mostraram que, como projeto que envolve ensino, pesquisa e extensão, para além da construção coletiva de conhecimento, o RailBee possibilitou a construção de novos saberes sobre produção, construção e organização de trabalhos, com foco em propostas científicas entre os alunos de impacto social, reconhecendo a sua capacidade técnica entre revistas nacionais e internacionais, além de mostrar-se um projeto com capacidade de adequação em outros contextos de mobilização urbana, reafirmando seu caráter flexível e inovador.

No contexto do RailBee como projeto de ensino e pesquisa, os resultados possibilitaram aos alunos discutir, desenvolver e produzir os módulos em laboratório, expandindo todos os conhecimentos técnicos aprendidos ao longo de sua pesquisa. No contexto de extensão, os discentes tiveram a oportunidade de

observar e experimentar a instalação de cada módulo na prática, dialogando com o professor sobre a sua construção, enriquecendo suas experiências em termos teóricos, metodológicos e práticos, além de permitir mais integração com o impacto social do projeto. Assim, em dez anos de existência, o projeto mostrou que vai além dos constructos teóricos e práticos, possibilitando aos usuários do sistema de transportes públicos usufruir de um meio de transporte que oferece segurança e conforto aos seus usuários.

Nesses anos desenvolvendo pesquisa, o projeto RailBee foi abrihantado com algumas premiações que destacaram o objetivo social do projeto, sendo reconhecido com trabalhos de excelência. Entre as premiações, destacam-se: o Prêmio Ferroviário Padrão da CBTU/METROREC de 2008; o Prêmio Menção Honrosa no V Prêmio Alstom Tecnologia Metroferroviária de 2008; o Prêmio Vencedor no VI Prêmio Alstom Tecnologia Metroferroviária de 2009; o Prêmio Menção Honrosa no VII Prêmio Alstom Tecnologia

Metroferroviária de 2010; a Menção Honrosa no PIBIC 2016 do IFPE; o 1º Lugar na área Engenharias no PIBIC 2017 do IFPE; o 1º Lugar na área Engenharias no PIBIC 2018 do IFPE; o 1º Lugar na IV Mostra Tecnológica do XI CONNEPI 2016; e o 1º Lugar na V Mostra Tecnológica do XII CONNEPI 2018. O projeto foi divulgado, assim, em vários meios de mídias regionais e nacionais, como jornais e revistas, destacando o objetivo da pesquisa e a sua importância como solução para os problemas de mobilidade urbana.

Durante os estudos e pesquisas realizadas, foram desenvolvidos artigos para meios nacionais e internacionais, patentes e registro de *software* referentes à tecnologia desenvolvida, além do registro da marca RailBee. Outros inventos encontram-se passíveis de registro legal. Além disso, o RailBee encontra-se atualmente num plano de atividade do PIBEX para a realização de treinamentos acerca do seu funcionamento, bem como para a transferência da tecnologia para controladores, técnicos e engenheiros da CBTU/METROREC, com a colaboração das diretorias de pesquisa e extensão do IFPE/Campus Recife e das pró-reitorias de pesquisa e extensão do IFPE/Reitoria.

Há ainda um grupo de pesquisa e extensão permanente que tem o intuito de realizar uma parceria entre o IFPE e a CBTU. A necessidade de melhorar a vida do usuário do Metrô de Recife evidencia a importância do sistema para a comunidade, buscando melhorar o conforto e a segurança por meio do ensino, da pesquisa e da extensão.

Referências

MASETTO, Marcos Tarcísio. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Questões epistemológicas da pesquisa sobre a prática docente. In: SILVA, Aida Maria M; et al. (Orgs). **Educação formal e não formal, processos formativos e saberes pedagógicos: desafios para a inclusão social**. XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife: ENDIPE, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

IDENTIFICAÇÃO

Título da atividade/projeto: Saúde e Segurança com Catadores do Lixão do Orobó em Valença/BA.

Linha temática: Integração da comunidade mediante a inclusão de minorias em espaços educativos (pessoas com deficiência, questões de gênero, vulnerabilidade social, raça e diversidade sexual).

Instituição(ões) envolvida(s): Instituto Federal Baiano.

Proponente ou proponentes: Patrícia Oliveira dos Santos

Servidor ou servidores: Célia Maria Pedrosa

Discentes: Ana Júlia Muricy, Domingas Silva Conceição, Nádia Maria Muricy, Elisângela Conceição Santos, Jeane Santos Bomfim.

Saúde e Segurança com Catadores do Lixão do Orobó em Valença/BA

Introdução

Uma realidade ainda muito comum no Brasil é a utilização de lixões como forma de destinação final de resíduos sólidos urbanos, implicando em consequências como contaminação dos recursos naturais e problemas de saúde pública. No município de Valença/BA, esse cenário se repete, e os resíduos coletados são dispostos no Lixão do Orobó.

No distrito de Orobó, vivem muitas famílias que tiram o próprio sustento dos resíduos descartados no lixão por meio da catação. Em visitas técnicas ao lixão, conhecendo o dia a dia dos trabalhadores, pudemos ver as grandes dificuldades enfrentadas por eles. Percebemos que os catadores ficam expostos a todo tipo de resíduo (domésticos, industriais e hospitalares, que são extremamente perigosos), além de ficarem expostos a vetores de doenças sem nenhum tipo de proteção, prejudicando assim a sua saúde.

Percebemos também a total desinformação dos catadores quanto aos seus direitos. Eles também desconhecem o fato de que o lixão um dia deixará de existir para que seja feita a construção de um aterro sanitário, de forma que eles precisam estar organizados para o momento dessa transição.

Nesse contexto, um trabalho de aproximação foi desenvolvido com o intuito de vivenciar a rotina dos catadores do lixão do Orobó, levar informação sobre saúde e segurança, e realizar ações de promoção de saúde. Além das 8 visitas de aproximação, foi realizado o evento “Saúde e Segurança dos Catadores do Lixão do Orobó”, no dia 20 de outubro de 2018, no qual levamos um grupo de 30 catadores e seus filhos para a unidade educativa de campo do IF Baiano. Nesse evento, foram distribuídos Kits de EPIs (Equipamento de Proteção Individual), foi realizada a vacinação de adultos e crianças, foram realizadas brincadeiras, e houve uma palestra com a representante do Movimento Nacional dos Catadores. Também foi oferecido um almoço

a fim de confraternizar com os catadores e seus filhos. Nesse evento, buscamos fazer um trabalho forte de valorização do trabalho do catador, mostrando a eles a importância de tê-los como agentes recicladores.

Desenvolvimento

O vazadouro a céu aberto de Valença está localizado no povoado de Orobó, área de zona rural a 8 km da sede do município que está há pelo menos 20 anos sem nenhuma infraestrutura para proteger o solo e o lençol freático de contaminação. O lixão irregular recebe cerca de 70 toneladas de rejeitos por dia, que não passam por tratamento.

Imagine você trabalhar num ambiente dividindo, e até mesmo disputando, espaço com ratos, baratas, mosquitos; passar horas em um lugar sujo, mal cheiroso, a céu aberto, exposto ao sol e à chuva, muitas vezes sem nenhuma proteção; ter que manter contato com resíduos de todo tipo, como resíduos hospitalares infectantes (seringas, materiais perfurocortantes, agulhas, luvas, bolsas de sangue, coletores); ter que fazer suas refeições num ambiente assim e por vezes dormir lá por não ter para onde ir. Como se sentiria vivendo em tais condições? Com certeza, se sentiria menosprezado, descartado pela sociedade; de certo, se sentiria um lixo. Na verdade, é como os Catadores do lixão de Valença se sentem, e por isso não querem ser vistos, conversar. Por mais simples que pareça, sentem dificuldade de olhar nos olhos de outra pessoa.

Segundo o Decreto 7.405/2010:

Art. 1º Fica instituído o Programa Pró-Catador, com a finalidade de integrar e articular as ações do Governo Federal voltadas ao apoio e ao fomento à organização produtiva dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis, à melhoria das condições de trabalho, à ampliação das oportunidades de inclusão social e econômica e à expansão da coleta seletiva de resíduos sólidos, da reutilização e da reciclagem por meio da atuação desse segmento.

Por outro lado, vê-se que a realidade dos Catadores de materiais recicláveis do município de Valença é totalmente diferente e aquém do que institui o Decreto Federal, pois não existe nenhum tipo de subsídio e/ou apoio a essas pessoas, que, apesar de desempenharem uma atividade de grande importância no que tange à preservação ambiental, trabalham em condições sub-humanas. Estas foram as condições que nos chamaram a atenção nas várias visitas de campo realizadas ao local: a falta de EPIs (Equipamentos de Proteção Individual), meninas grávidas, risco de contração por doenças e toda a vulnerabilidade social que sofrem por trabalharem e morarem na comunidade à qual o lixão “pertence”.

Em vista disso, concordamos que deveríamos fazer algo. Foi quando surgiu a ideia do projeto intitulado “Saúde e Segurança do Trabalho para os Catadores do Orobó”. Organizamos diversas atividades que contemplassem a existência e o trabalho daquelas famílias, traçando algumas metas, como montagem

e distribuição dos EPIs, vacinação, palestra com a representante do Movimento dos Catadores de Salvador, (movimento que luta por dignidade e melhores condições de trabalho) e, por fim, brincadeiras para os filhos e netos dessas pessoas.

A primeira etapa do trabalho consistiu na realização de visitas técnicas que tiveram o intuito de conhecer a realidade do lixão e tentar uma aproximação com os catadores. No início, foi muito difícil, porque se trata de um ambiente de extrema vulnerabilidade social. Não fomos bem-vindos. As pessoas que encontrávamos no lixão não queriam falar conosco, ou por receio, ou para não perder o momento da catação. Além disso, nós formávamos um grupo de mulheres e, na maioria das vezes, somente homens altamente alcoolizados se dispunham a falar conosco. Ficou nítido que o alcoolismo está associado à situação de vulnerabilidade social que a vida no lixão impõe. Mesmo que tenhamos realizado a visita no início da manhã, já encontrávamos pessoas alcoolizadas.

A aproximação só se efetivou quando conseguimos ganhar a confiança de uma mulher (catadora), que pareceu ser uma liderança importante na comunidade. Foi a primeira mulher com quem conseguimos proximidade. Ela foi trazendo as outras para o grupo. Logo já tínhamos contato com outras mulheres, idosos, adolescentes, crianças e até grávidas. Após a aproximação, os catadores e catadoras nos revelaram que a resistência de aproximação sentida nas primeiras visitas foi por acharem que éramos vinculadas a algum partido político, ou que nós só queríamos fazer a nossa pesquisa e depois ir embora, sem que eles recebessem nenhum benefício. Nos relataram que se sentiam um objeto, pois as pessoas só iam ali no local para tirar fotos, fazer perguntas e depois desapareciam sem dar sequer uma explicação. Além disso, nos informaram que, em um projeto anterior, veio uma pessoa, tirou fotos deles e depois publicou em *outdoor*, sem autorização, o que lhes trouxe muita vergonha, pois se sentiram expostos.

Foi um longo processo para conquistar a confiança dos catadores. Passamos três meses fazendo visitas, conversando sobre saúde e segurança e a importância disso para eles.

Com isso, fomos conhecendo essas pessoas, e várias outras que foram se aproximando, mesmo com o pé atrás. Aos poucos fomos conseguindo conquistar a confiança deles. Eles foram nos falando das dificuldades que enfrentam no dia a dia, dos riscos, da falta de atenção e de respeito, e da exclusão social em que vivem.

A segunda etapa do projeto consistiu na realização do evento “Saúde e Segurança do Lixão do Orobó”, dentro da Semana de Ciência e Tecnologia do IF Baiano, *Campus* Valença. No dia 20 de outubro de 2019, fomos buscar os catadores no lixão e os levamos para a unidade educativa de campo do IF Baiano (conhecida como Fazenda Aldeia) no ônibus escolar. Nesse evento, preparamos um almoço de boas-vindas, e, em seguida, eles participaram de uma palestra com a representante do Movimento Nacional dos Catadores sobre a importância da valorização do seu trabalho e a transição do lixão para o aterro sanitário. Posteriormente, em parceria com a Secretaria de Saúde do Município de Valença, os trabalhadores e seus filhos foram vacinados.

Enquanto os pais estavam na palestra, as crianças participaram de diversas brincadeiras organizadas por nós, e também de uma conversa com professores do Instituto sobre a importância da escola.

Por fim, foi feita a entrega dos *kits* de EPIs, composto por luvas, mochilas e botas impermeáveis, que foram obtidos por meio de recursos institucionais e campanha de arrecadação realizada na *Internet* e no rádio,

Avaliação

A avaliação do projeto foi feita de forma qualitativa, ao longo do desenvolvimento do trabalho, sempre buscando ouvir os sujeitos envolvidos.

Muitos desafios foram encontrados durante o trabalho. Consideramos o maior desafio conseguir ganhar a confiança dos catadores. As primeiras visitas foram tomadas de grande frustração, pois os catadores se recusaram a conversar com a nossa equipe e por muitas vezes se esconderam da gente. Além disso, ainda que protegidas, pisar na lama por entre cabeças e pés de galinhas, estar num lugar cheio de urubus e suportar o mal cheiro foi muito difícil. Éramos um grupo de mulheres em um lugar estranho, onde não conhecíamos ninguém e vice-versa. Quase sempre encontrávamos homens bêbados, o que nos fez perceber alguns riscos aos quais estávamos expostos. Por esses e outros motivos é que em diversos momentos pensamos que seria impossível trabalhar com eles e até cogitamos a ideia da mudança de projeto. Entretanto, fomos insistentes e passamos a visitá-los com mais frequência, sempre pesquisando os melhores horários para que eles pudessem nos atender. Depois de várias visitas e insistentes discursos, ainda com alguns deles contra – (sic) “Se um não vai, nenhum de nós deve ir, somos uma família” –, boa parte daqueles com quem conversamos concordaram em participar do nosso Projeto.

Além disso, outro fato importante é a questão do alcoolismo, situação com a qual já vínhamos lidando nos diversos momentos de contato com eles. Essa circunstância foi bastante recorrente, o que nos confirma a necessidade de fuga para encarar tal condição social. Em vista disso, essas pessoas acabam induzidas ao vício, o que as tornam alcoólatras, problema que é imperceptível pela maioria deles. Portanto, vê-se que o ambiente no qual essas pessoas trabalham e vivem é precursor do perfil de doença desenvolvido por elas.

Após a finalização do projeto, um mês depois realizamos uma visita para verificar se os EPIs estavam sendo utilizados, e conversar com os catadores para saber o que acharam do projeto. Notamos que a maioria estava usando botas de borracha, embora não usassem luvas. Os catadores relataram que não gostam de usar as luvas porque consideram que elas atrapalham na catação. As pessoas com as quais conversamos nos relataram que gostaram muito do projeto, e que antes dele consideravam o instituto inacessível. Consideramos muito positiva a aproximação do IF Baiano a essa comunidade.

Resultados alcançados

O principal resultado alcançado foi a aproximação e o estreitamento das relações entre o Instituto e os catadores do lixão do Orobó por meio deste projeto. É válido ressaltar que eles foram inseguros e resistentes até os últimos instantes, mesmo depois das visitas. No dia do evento, ao chegarmos no lixão, nos deparamos com eles desarrumados e a dizer que haviam desistido de participar do evento. Novamente, foi preciso usar do nosso poder de persuasão para convencê-los a entrar no ônibus e nos acompanhar. Não tivemos tanta facilidade, mas conseguimos. Ao chegarem na fazenda, estavam todos muito tímidos, algo que foi aos poucos se quebrando com um pouco de conversa, um simples sorriso ou um aperto de mão.

Após o evento, conseguimos que todos fossem imunizados e tivessem seu kit de Equipamentos de Proteção Individual. Por meio da palestra com a catadora e representante do Movimento dos Catadores, percebemos que em nenhum momento eles tiraram dúvidas ou se interessaram realmente pelas palavras da Representante Jeane. Na verdade, acreditamos que, para eles, nada daquilo fazia sentido e percebemos o quanto os Catadores do município de Valença estão atrasados em relação aos seus direitos, à real situação que precisarão enfrentar por melhorias de trabalho, e em relação à obrigação do governo municipal de efetivar a Política Nacional de Resíduos Sólidos. O ganho dessa atividade foi ter despertado o interesse do Movimento Nacional dos Catadores de fazer um trabalho mais aprofundado com esse grupo. É preciso preparar esse grupo para o processo de transição do lixão para o aterro. É preciso prepará-los para atuar em cooperativas de reciclagens, com melhores condições de trabalho e para atuar como agentes recicladores.

Consoante a isso, junta-se uma série de erros da gestão municipal, pois além da ausência de fomento às cooperativas, e de inclusão social e econômica, há ausência da Vigilância Sanitária, Epidemiológica e Ambiental. Parte da comunidade do Orobó não possui acompanhamento de agentes de saúde. Como se não bastasse tanta marginalização, descobrimos, no momento da vacinação dos catadores, que alguns deles não possuem registro nem mesmo lembram a data em que nasceram. Esses dados evidenciam o quanto essas pessoas são invisíveis aos olhos do governo municipal e estadual.

Referências

BRASIL. Decreto-lei Nº 7.405, de 23 de dezembro de 2010. Institui o Programa PRO-CATADOR. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7405.htm>. Acesso em: 15 dez. 2018.

IDENTIFICAÇÃO

Título da atividade/projeto: Vivências na interiorização na promoção de políticas de saúde LGBT+: um projeto de extensão

Linha temática:

- Integração da comunidade mediante a inclusão de minorias em espaços educativos (pessoas com deficiência, questões de gênero, vulnerabilidade social, raça e diversidade sexual).
- Integração entre componentes curriculares na perspectiva de uma educação profissional articulada com o mundo do trabalho.
- Integração entre ensino, pesquisa e extensão.

Instituição(ões) envolvida(s): Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia De Pernambuco – IFPE, *Campus* Pesqueira.

Proponente ou proponentes: Valdirene Pereira da Silva Carvalho.

Servidor ou servidores: Silvana Cavalcanti Dos Santos.

Discentes: Maria Aparecida De Souza Silva, Brenda Roberta Da Silva Pereira, Eduardo Antônio De Lima Bezerra, Lucielly Keilla Falcão Neri De Oliveira, Valdiene Dimas Galindo.

Vivências na interiorização na promoção de políticas de saúde LGBT+: um projeto de extensão

Introdução

Os diversos avanços no tocante ao direito à saúde são notáveis, uma vez que o Brasil tem recentemente galgado historicamente a elaboração e a implementação de políticas públicas afirmativas voltadas para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Transgêneros, Assexuais, Pansexuais, Intersexuais, não binários, Queer e demais minorias (LGBT+). Entretanto, como plano de fundo desse cenário, o percurso pregresso traz consigo uma carga densa de dificuldades.

Os movimentos LGBT+ surgiram na luta em busca de seus direitos e da atenção às suas demandas específicas de saúde, bem como pela tentativa de extinção da discriminação contra esse público no âmbito da saúde, o que infelizmente ainda acontece nos dias atuais. Entre as principais demandas específicas trazidas pelo movimento, estão a luta contra a violência e a discriminação LGBT+ (LGBTfobia), e a luta pelo casamento e pela conscientização e educação sexual nas escolas (FACCHINI, 2009).

Os Homens Trans, que reivindicam o reconhecimento social e legal como homens, ainda buscam acesso à mastectomia nos serviços de saúde. A falta de acesso acaba levando-os a procurar serviços ilegais e irregulares. Além disso, os gays ainda sofrem com muitos paradigmas associados à sua homossexualidade, como o HIV/AIDS (BRASIL, 2013; JESUS, 2012).

Como resposta às necessidades dessa população, o MS elaborou a Política Nacional de Saúde Integral de LGBT (PNSILGBT), que comunga com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e incentiva o fortalecimento e o reconhecimento da representação LGBT+ nas instâncias de participação popular, buscando superar todas as formas de preconceito, exclusão da cidadania e discriminação referentes à garantia do direito à saúde (BRASIL, 2013).

A partir de então, houve a escolha do público que trabalharia no projeto de extensão intitulado A Promoção de Políticas de Saúde para a População LGBTQ+ através da *Rede de Saúde no Município de Arcoverde e Pesqueira*, sob a consideração de que a Estratégia Saúde da Família (ESF) e os Centros de Testagem e Acolhimento/Centros de Orientação e Apoio (CTA/COAS), são considerados as portas de entrada para o SUS e a assistência na ponta que mais abrange o público LGBTQ+.

O projeto teve por objetivo geral caracterizar a implementação da PNSILGBT na ESF São Francisco (Pesqueira/PE) e no CTA de Arcoverde/PE, cidades que marcam o início da transição do agreste para o sertão de Pernambuco. Foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: identificar o perfil do público LGBTQ+ usuários da ESF e CTA; investigar o nível de conhecimento desse público sobre a PNSILGBT; incentivar a promoção da atenção à saúde com base nos princípios do SUS; promover o conhecimento do público sobre sua política afirmativa; e sensibilizar os profissionais Enfermeiros da ESF e do CTA/COAS a respeito dessa política. O número de participantes do projeto sempre foi variável entre os colaboradores formais e informais. Durante os 12 meses de duração do projeto, de janeiro a dezembro de 2017, a Pró-reitoria de Extensão formalizou a participação de 5 alunos voluntários e de 2 docentes.

Desenvolvimento

Sob uma ótica qualitativo-descritiva, o projeto de extensão em questão foi desenvolvido através da ESF na Unidade Básica de Saúde (UBS) São Francisco, no município de Pesqueira, no agreste pernambucano, e através do CTA/COAS da cidade de Arcoverde, no Sertão Moxotó pernambucano. A Unidade Básica de Saúde (UBS) é formada por uma equipe multidisciplinar, através da qual buscou-se congrega as atividades de extensão aos princípios do SUS, integrando o ensino e os serviços em ações de saúde pertinentes a essa rede de atenção.

A escolha dos locais de execução do projeto se deu estrategicamente, no intuito abordar diretamente o público identificado e pertencente à população LGBTQ+ coberto por ambos os serviços nos dois municípios

As etapas consistiram em uma busca ativa do público com o auxílio de Agentes Comunitários de Saúde (ACSs) da UBS São Francisco. Também foi feita a busca do público atendido pelo CTA. A equipe realizou diversas panfletagens, convidando a população LGBTQ+ para participar das ações do projeto. Além dos agentes colaboradores das próprias unidades, o contato realizado com as militâncias LGBTQ+ de cada município fortaleceu essa procura. Os próprios usuários atuaram como divulgadores das palestras e das ações.

Concomitantemente, durante todo o período de duração do projeto, foram realizadas pesquisas bibliográficas para dar embasamento teórico-científico aos fichamentos e às publicações e apresentações de trabalhos frutos do projeto. Ademais, para se capacitarem, os extensionistas participaram ativamente

de eventos relacionados ao tema, a fim de galgar o adequado desenvolvimento das ações com a equipe multiprofissional das unidades de saúde atendidas.

As ações desenvolvidas utilizaram ferramentas interventivas dinâmicas, como rodas de conversa com a equipe multidisciplinar na UBS e grupos de apoio para os pacientes LGBT+. Essas ações incentivavam os pacientes a procurar mais a UBS (gerando, conseqüentemente, mais acesso ao acolhimento especializado). Além disso, para o alcance dos objetivos, foram realizadas palestras com os profissionais da UBS e do CTA/COAS, seguidas de constante avaliação do feedback dos discursos durante as ações. Com o objetivo de promover a PNSILGBT, realizaram-se ainda diversas intervenções de forma horizontal e direta com os profissionais enfermeiros.

Foram utilizados os seguintes materiais: apresentações digitais em DataShow, cartazes de campanhas e datas comemorativas da comunidade LGBT+, panfletos, divulgação no próprio campus (por meio de cartazes nos murais) e situações-problemas para uso na educação em saúde nas reuniões do grupo, tanto do público como dos profissionais. Ademais, para o fechamento do projeto, os alunos desenvolveram uma cartilha chamada de “Cartilha de Saúde LGBT”, que continha informações sobre os direitos desse público, com foco na PNSILGBT. A cartilha possui ainda diversos esclarecimentos acerca das nomenclaturas LGBT+, datas comemorativas, bandeiras do movimento e seus significados.

Avaliação

Durante as rodas de conversa com os profissionais e com os usuários, eram lançados blocos temáticos de diálogo nos quais os participantes deveriam responder o que sabiam sobre a PNSILGBT. Isso foi feito antes e depois para medir o nível de conhecimento prévio e posterior à educação continuada realizada nas ações do projeto. Uma linguagem clara e informal foi utilizada por surtir melhor efeito na compreensão das orientações e conceitos, de forma a extinguir os tabus existentes.

Quanto às buscas ativas, devido ao contato acompanhado dos extensionistas, tanto o público como a equipe multiprofissional das unidades demonstraram grande adesão às ações. Quando se apresentaram pela primeira vez aos LGBT+ sem o acompanhamento de um profissional por eles conhecido, a abordagem tornou-se difícil.

Uma das primeiras dificuldades enfrentadas foi quanto ao campo, uma vez que, a priori o projeto seria realizado com duas UBSs na cidade de Pesqueira. Contudo, foram encontradas dificuldades com relação ao segundo campo, uma vez que ali já estavam sendo realizados muitos estudos, verificando-se, assim, a indisponibilidade de colaboração da equipe. Posteriormente, o projeto foi para o CTA/COAS da cidade, onde não obteve disponibilidade. Em seguida, partiu para Arcoverde, solucionando a problemática.

Percebeu-se que a busca por direitos (não só de saúde, mas de cidadania como um todo), ainda é muito presente na população abordada, embora se agrave pelo desconhecimento das políticas públicas

afirmativas existentes. Diante dessa realidade, a cartilha confeccionada surtiu um efeito bastante positivo no tocante à promoção da política, uma vez que abordava, além da PNSILGBT em si, muitos temas sobre a diversidade sexual e de gênero, bem como sobre a cultura LGBT+.

Resultados alcançados

A respeito da PNSILGBT, os profissionais apresentaram um nível de conhecimento de baixo a mediano nas rodas de conversa, considerando seus relatos de desconhecimento ou a apresentação de respostas incompletas. Notou-se também, nesse contexto, o desinteresse deles a respeito da temática, já que se trata de um assunto ainda socialmente tabulado. Entretanto, esses mesmos profissionais reconheciam a importância de conhecer os direitos de acesso das minorias LGBT+.

Além disso, admitiram a precariedade de informações sobre a política, tanto por parte deles como por parte dos usuários da UBS, o que deu ainda mais base para a realização das ações direcionadas e para a formação do grupo de apoio para palestras dentro da unidade, aumentando o a procura do serviço e a vinculação a ele.

As ações no CTA/COAS fluíram da melhor forma possível, e houve mais adesão entre os profissionais e usuários. Ainda assim, foram realizadas rodas de conversa com os profissionais dentro da UBS, a fim de quebrar qualquer tipo de paradigma ainda existente e aumentar o vínculo da equipe de saúde com os extensionistas.

Junto à adesão mais densa do público em Arcoverde, surgiu então a necessidade de realizar ações expandidas, nas quais também foi utilizada a ferramenta de roda de conversa. Dessa vez, para além dos usuários participantes das ações do projeto, o público abrangido incluiu a população do município, o que possibilitou mostrar o andamento do projeto e a importância e representatividade do desenvolvimento de participações e ações como essas.

Em razão das inúmeras barreiras persistentes nos mecanismos de funcionamento dos serviços de atendimento às minorias LGBT+, foi perceptível a própria resistência desse público à procura dos serviços de saúde (ALBUQUERQUE, 2013). Os entraves de acesso por parte do usuário e a promoção da saúde pelos profissionais torna essa população mais vulnerável a contrair doenças prevalentes, que, em sua grande maioria, são doenças evitáveis, levando em consideração também os problemas de cunho psicológico. O surgimento de tais enfermidades resulta de um acompanhamento inexistente, somado ao mau acolhimento, uma vez que os profissionais se sentem desconfortáveis/inseguros/falhos na assistência a clientes de orientação sexual (ou de gênero) diferente daquela que a sociedade padroniza, ou seja, a heterossexualidade (SOUSA, 2014).

Em 16 de maio de 2017, surgiu a oportunidade de partilhar tais experiências em curso, pois a equipe

de extensão participou do I Seminário de Saúde LGBT na cidade de Caruaru/PE, atividade que possibilitou uma participação ativa dos integrantes nos debates ali ocorridos, discorrendo acerca das temáticas e problemáticas LGBT+ vividas atualmente, contrastadas ao resgate histórico. Foram possíveis, então, comparações entre os paradigmas atuais e passados, agregando contribuições ricas às discussões, numa troca de conhecimentos ativa entre o grupo e os demais representantes e ouvintes da comunidade LGBT+ do agreste pernambucano.

Outra experiência vivenciada foi o I Fórum Estudantil de Políticas Afirmativas para a população LGBT+ no IFPE, *Campus* Pesqueira, desenvolvido e elaborado pelo grupo, que, além da organização e participação do evento, coordenou a programação estabelecida. O evento contou com a participação de ilustres personalidades, que embasaram as discussões e levaram todos a galgar ainda mais conhecimento sobre a temática discutida. Entre os presentes, estavam os Coletivos de Arcoverde/PE e Caruaru/PE, o grupo 7º Céu, também de Arcoverde/PE e o grupo Cores da cidade de Caruaru/PE. Foi um evento que gerou satisfação geral e gratificação acadêmica e pessoal para todos os envolvidos, desde a etapa de organização do público ouvinte e participante nas atividades promovidas.

Destarte, mediante as experiências aqui descritas, pode-se afirmar que, para o cumprimento dos princípios da PNSILGBT e da Política Nacional de Humanização (PNH), bem como para a melhoria da qualidade da assistência às minorias sexuais, é necessário capacitar os profissionais de saúde, equipes da ESF, suas UBSs e demais serviços para prestar o acolhimento adequado à comunidade LGBT+, incluindo, nessa educação permanente, temas ligados às especificidades desse público, promovendo, assim, a melhoria das condições de saúde (BRASIL, 2013).

Referências

ALBUQUERQUE, G. A. et al. Homossexualidade e o direito à saúde: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 516-524, jul./set., 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgênero**. Brasília, 2013.

FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad* – **Revista Latinoamericana**, p. 54-81, 2009

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. *Diversidade Sexual*: Brasília, 2012.

SOUSA, J. C. et.al. Promoção da saúde da mulher lésbica: cuidados de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 4, n. 35, p. 108-113, 2014.

EDITORA



REITORIA - Setor de Autarquias Sul,
Qd 02, Bloco E - Edifício Siderbrás
C.E.P.: 70070-020 - Asa Sul - Brasília-DF
Fone: +55 (61) 2103-2110
www.ifb.edu.br
editora@ifb.edu.br



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO